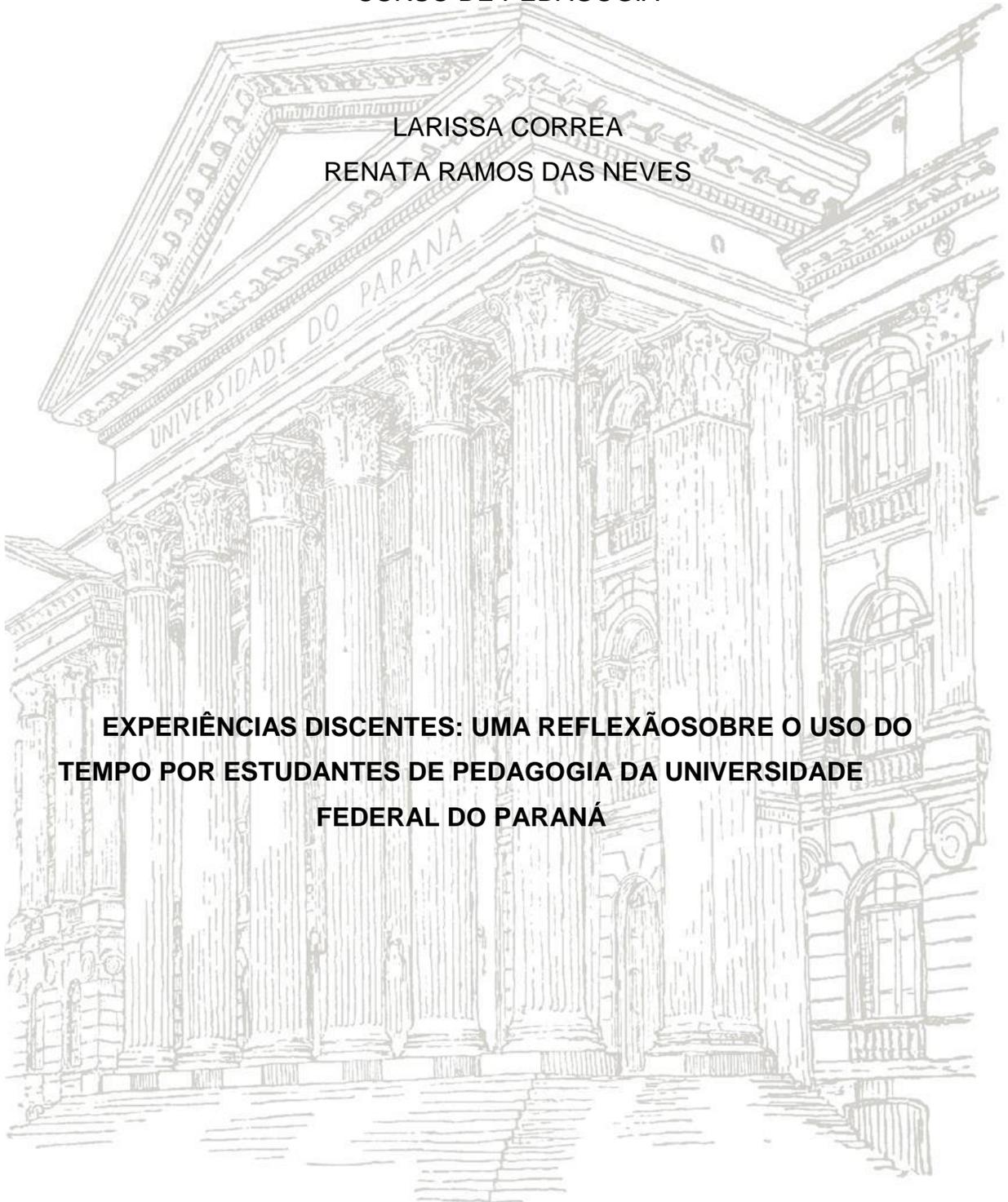


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

LARISSA CORREA
RENATA RAMOS DAS NEVES



**EXPERIÊNCIAS DISCENTES: UMA REFLEXÃO SOBRE O USO DO
TEMPO POR ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARANÁ**

CURITIBA
2017

LARISSA CORREA
RENATA RAMOS DAS NEVES

**EXPERIÊNCIAS DISCENTES: UMA REFLEXÃO SOBRE O USO DO
TEMPO POR ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARANÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná como requisito à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Lennita Oliveira Ruggi.

CURITIBA

2017

AGRADECIMENTOS

Aos nossos amigos e familiares, que foram grandes incentivadores e que sempre acreditaram em nossos sonhos e nos apoiaram em todos os momentos!

A nossa Orientadora Lennita Oliveira Ruggi, por todas as suas ideias, sugestões, orientações e pelo carinho em nos auxiliar nessa caminhada!

E aos alunos que disponibilizaram um tempo em sua rotina para responder ao questionário que deu suporte para nossa pesquisa, deixamos aqui o nosso agradecimento!

Larissa e Renata.

RESUMO

A presente pesquisa buscou identificar as diversas experiências de estudantes do curso de Pedagogia da UFPR em relação à organização do tempo em suas atividades diárias (nos âmbitos familiares, profissionais, universitários e de lazer). Tendo como eixos principais de análise gênero, geração, pertencimento étnico-racial e origem de classe, a metodologia utilizada consistiu na aplicação de um questionário on line, composto por 42 perguntas (12 abertas e 30 fechadas), que foi divulgado em redes sociais e enviado por e-mail aos estudantes. Foram coletadas respostas de 105 estudantes, que permitiram traçar o perfil sócio-demográfico, identificar composições familiares, condições de trabalho remunerado e não remunerado, correlacionando estes fatores à distribuição de tempo entre hábitos cotidianos (esporte, lazer religião), tempo de estudo e com o Índice de Rendimento Acadêmico (IRA). Os dados demonstram que, para muitos estudantes, o tempo para o estudo é condicionado pelas outras atividades que desenvolvem, pois estudam apenas “quando possível”, ou desenvolvem estratégias para conseguir encaixar o estudo em suas rotinas (trajeto de ônibus, horário de almoço, finais de semana). Assim, existem fatores externos que impactam em diferenças entre os estudantes. Por outro lado, existem questões individuais que também levam a diferenças entre os resultados dos estudantes, como a gestão do tempo (organização e planejamento). Ao perceber a grande demanda profissional de tempo entre os estudantes e o acúmulo de outras responsabilidades, uma hipótese era a de que os IRAs refletiriam a falta de tempo. Contudo, os IRAs do grupo analisado, de forma geral, podem ser associados a um bom rendimento acadêmico. Quando o desempenho acadêmico deixa de ser direcionado apenas às notas e leva em consideração atividades extra-curriculares ofertadas pela instituição, as dificuldades e diferenças aparecem com mais nitidez.

Palavras-chave: uso do tempo; experiências discentes; estudantes de pedagogia.

ABSTRACT

The present research sought to identify the various experiences of students of Pedagogy of Federal University of Paraná (UFPR) in what refers to their time organization in their daily activities (in familiar, professional, university and leisure spaces). Based on gender, generation, ethnicity and class origins, the methodology used consisted on the application of an online questionnaire, composed of 42 questions (12 open and 30 closed), which was published in social networks and sent by e-mail to students. A total of 105 students answered the questionnaire, which allowed establishing a socio-demographic profile of the students, and identifying family compositions, paid and unpaid working conditions, correlating these factors with the distribution of time between daily habits (sports, leisure religion), study time and Academic Performance Index (IRA). The data show that for many students, the time for study is conditioned by other activities they develop, because they only study “when it is possible” or develop a strategy to fit the study into their routines (bus route, lunch, weekends). Thus, there are external factors that results on differences among students. On the other hand, there are individual issues that also lead to differences in students results, such as time management (organization and planning). Realizing a great professional demand for time among students and the accumulation of other responsibilities, a hypothesis was raised, in which the IRAs would reflect the lack of time. However, the IRAs of the analyzed group, in general, can be associated with a good academic performance. When academic performance is not related only to grades or academic index but also considers other academic activities offered by the university, the difficulties and differences appear more clearly.

Keywords: use of time; student experiences; students of pedagogy.

SUMARIO

INTRODUÇÃO	5
2 O PERFIL DOS SUJEITOS: QUEM SÃO OS ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFPR	10
3. RELAÇÕES DE TRABALHO: ATIVIDADES REMUNERADAS, ATIVIDADES NÃO-REMUNERADAS E TEMPO	19
3.1. ATIVIDADES REMUNERADAS	19
3.2 ATIVIDADES NÃO-REMUNERADAS.....	33
4 RELAÇÕES SOCIAIS DOS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DA UFPR ...	41
5 TEMPO E RENDIMENTO ACADÊMICO	52
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	75
ANEXO	81

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa desenvolvida no ano de 2017 na Universidade Federal do Paraná (UFPR). A pesquisa teve por objetivo principal identificar de que forma as/os estudantes do curso de Pedagogia da UFPR organizam o tempo em suas atividades diárias (nos âmbitos familiares, de trabalho, universitários e de lazer) e quais relações são possíveis estabelecer entre os perfis dos estudantes e as diferentes experiências discentes.

O interesse por esta temática surgiu a partir de observações das proponentes desta pesquisa sobre o contexto universitário no qual estão inseridas.

A universidade¹ oferece opções de atividades extracurriculares aos alunos e alunas (como projetos de pesquisa, cursos de extensão, monitorias, entre outros), que podem contribuir para a formação dos estudantes, visto que são possibilidades que permitem aliar as teorias às práticas, ou aprofundar-se em temáticas de maior interesse de cada estudante. No entanto, nota-se também que muitas alunas e alunos do curso não se envolvem nestas atividades. Assim, quando se pensava sobre as questões que direcionariam este trabalho, o interesse inicial era compreender quais fatores poderiam influenciar no envolvimento de estudantes com a universidade e a qualidade de sua formação.

De antemão, é possível levantar algumas hipóteses que poderiam ser investigadas para compreender esta relação (no curso de Pedagogia da UFPR): muitas alunas e alunos trabalham e não podem dedicar-se às atividades extracurriculares por falta de tempo, nem todos os estudantes têm interesse nas opções de atividades oferecidas pela universidade, muitos já se dedicam a atividades profissionais relacionadas à educação, demandas familiares talvez sejam priorizadas por outros estudantes, entre outros pontos. Porém, pensamos que esta é uma questão que necessita de um estudo

¹ Neste caso, referimo-nos a UFPR. Porém, sabe-se que esta não é a realidade de todas as instituições de ensino superior. Além disso, entende-se que a quantidade de vagas oferecidas para estas atividades é pequena levando-se em conta o número total de alunos. Ainda, algumas atividades formativas têm um custo (curso de idiomas, por exemplo).

detalhado e longo, já que envolve diversas questões mais complexas e que se entremeiam. Uma análise apressada poderia levar a falsas relações de causalidade ou a ignorar as estratégias individuais e a forma como cada estudante lida com suas demandas.

Desta forma, após maiores reflexões, decidiu-se por focar em um dos fatores que tem grande importância quando se trata da rotina de estudantes e que está relacionada com as diversas variáveis citadas no parágrafo anterior: o tempo. Estudantes precisam conciliar diversas atividades diariamente e realizar escolhas baseados no tempo do qual dispõem².

Avaliadas estas questões, optou-se por pensar as experiências discentes pautando-se no tempo enquanto um fator comum aos estudantes, mas que é organizado de formas distintas porque os estudantes provêm de diferentes contextos. Esta pesquisa objetiva vislumbrar diferenças, mas também similitudes entre os estudantes, construindo uma reflexão sobre suas experiências levando em conta outros aspectos de suas identidades/perfis, além da universidade. É possível perceber diferenças nas experiências de uso do tempo dos estudantes no que se refere às diferenças de gênero? De que forma? Aspectos como raça e classe social interferem nas formas de organização do tempo dos estudantes? Como o uso do tempo impacta o rendimento escolar (IRA) dos estudantes?

Estas são algumas das questões que nortearam a pesquisa e que expressam os quatro principais eixos de análise: gênero, raça, geração e classe social. Estes são aspectos importantes de análise, pois se relacionam com a estrutura social e econômica e as relações e práticas que se desenvolvem nestas estruturas. Deste modo, entende-se que a presente pesquisa toca numa temática pertinente à sociedade atual, que é o uso do tempo, e que possibilita importantes reflexões sobre as experiências discentes.

A metodologia utilizada para desenvolver a pesquisa consistiu na aplicação de um questionário, sendo esse método pertinente para a compreensão dos sujeitos que fazem parte do curso de Pedagogia. O

² Quando se trata do tempo no contexto acadêmico, é válido lembrar que os professores também precisam encontrar estratégias para o uso do tempo devido a grandes demandas de trabalho, que acabam por fazer com que esta esfera de suas vidas ocupe ou direcione grandemente suas rotinas, conforme retratado no artigo "Subjective Well-Being and Time Use of Brazilian PhD Professors", de Maiana Farias Oliveira Nunes e Claudio Simon Hut (2014).

questionário foi composto por 42 perguntas, 12 abertas e 30 fechadas, e foi divulgado em redes sociais e enviado por *e-mail* aos estudantes. Foi necessário adaptar o questionário ao modelo possível de ser desenvolvido no *google form*, o programa escolhido para esta pesquisa, visto que é amplamente conhecido e de fácil utilização.

Antes de enviar o questionário aos estudantes, foi realizado um teste com alguns alunos e alunas que teve início no dia 21 de agosto de 2017 e encerrou-se no dia 30 de agosto de 2017, nesse momento inicial foram obtidas dez respostas, e a partir das observações feitas, o questionário foi reorganizado para que todas as perguntas fossem corretamente interpretadas bem como para que atendessem à proposta da pesquisa. Após esta etapa, o questionário foi enviado por e-mail e divulgado em outras plataformas acessadas por estudantes de Pedagogia da UFPR.

A aplicação do questionário impresso pareceu inviável, visto que era relativamente longo e solicitava o Índice de Rendimento Acadêmico (IRA) dos alunos em uma das questões, para que posteriormente fosse possível traçar relações entre o uso do tempo e o rendimento acadêmico. A segunda etapa de aplicação do questionário teve início no dia 7 de setembro de 2017 e encerrou-se no dia 29 de setembro.

O curso de Pedagogia da UFPR tem atualmente (outubro de 2017) 794 estudantes matriculados, somando os dois turnos do curso, então, esperava-se que no mínimo 250 alunos respondessem este questionário. Ao longo do período de divulgação, em que o questionário estava disponível para respostas, o número de entrevistas respondidas era monitorado e outras estratégias³ eram utilizadas para que mais alunos tomassem conhecimento e o respondessem. Contudo, foram enviados 105 questionários plenamente respondidos, os dados obtidos a partir do questionário foram analisados no Excel e no IBM SPSS Modeler, para melhor compreensão e cruzamentos dos dados necessários para o desenvolvimento da presente pesquisa.

³ As pesquisadoras foram nas salas do curso de pedagogia da UFPR para divulgar o questionário e solicitaram o e-mail aos representantes das turmas, e o questionário foi enviado para todas as turmas possíveis. Também foi divulgado o link para acesso ao questionário em redes sociais, como na página do Facebook do curso de pedagogia da UFPR, bem como na página do Facebook do Centro Acadêmico do curso de pedagogia da UFPR.

Informalmente, alguns estudantes relataram às autoras da pesquisa que consideraram o questionário muito longo. Também houve uma indicação por e-mail de dificuldade em responder a uma das perguntas. Apesar dos esforços em divulgar a pesquisa, não é possível afirmar que todos os estudantes tiveram acesso ao questionário.

Ainda assim, este é um número que permite desenvolver o objetivo proposto. O perfil dos estudantes que responderam à pesquisa foi diversificado e não se restringiu apenas a um círculo de alunos: houve um equilíbrio no número de respostas dos estudantes dos dois períodos (matutino e noturno), e também entre as turmas (1^o a 5^o ano).

O recorte da pesquisa e objetivos propostos para o trabalho problematizam diversos temas – tempo, raça, gênero, classes sociais, trabalho, geração – e, para desenvolver uma análise que contemple a todos estes aspectos, o trabalho foi estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo, abordam-se brevemente algumas questões históricas sobre a formação do curso de pedagogia da UFPR, em seguida, são traçados perfis dos estudantes pautando-se em questões que se referem principalmente à idade, raça, gênero, estado civil e a características da vida acadêmica atual – ano do curso, período. Optou-se por iniciar a análise desta forma porque é importante traçar um perfil sócio-demográfico e identificar os sujeitos da pesquisa. Certamente, os perfis traçados não contemplam todos os aspectos da vida destes estudantes, porém os aspectos que foram escolhidos para serem explicitados nessa pesquisa são de ampla aceitação no campo das ciências sociais, sendo campo de pesquisa para muitos autores como Bourdieu, Lahire, Louro, Hirata entre outros autores.

No capítulo seguinte, aborda a inserção profissional dos estudantes, sendo este um dos aspectos da vida dos alunos e alunas que mais incide, de forma geral, sobre o uso do tempo. Compreende-se trabalho não apenas como as atividades remuneradas, mas também as atividades domésticas não remuneradas, que demandam bastante tempo. Diversas pesquisas têm sido feitas sobre o uso do tempo e o trabalho não-remunerado, evidenciando o acúmulo de trabalho das mulheres.

O terceiro capítulo, intitulado “Relações Sociais”, são analisados aspectos relativos às diferentes estruturas familiares e aos hábitos, práticas e

atividades sociais dos estudantes (esportes, lazer, religião). Estes temas são pautados nos recortes principais propostos para este estudo (raça, gênero, classes sociais e gerações) e tornam possível perceber questões importantes sobre o uso do tempo destes estudantes.

O quarto capítulo é dedicado à análise do rendimento acadêmico e o uso do tempo. A partir das reflexões desenvolvidas nos outros capítulos e dos dados obtidos com os questionários sobre questões referentes ao desempenho acadêmico e estudos, busca-se perceber quais relações são possíveis estabelecer entre estes dois indicadores – rendimento acadêmico e uso do tempo – a respeito dos estudantes de pedagogia da UFPR.

2 O PERFIL DOS SUJEITOS: QUEM SÃO OS ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFPR

A Universidade Federal do Paraná (UFPR) teve seu processo de federalização concluído em 1950. Mas suas atividades iniciaram em 1913, quando passou a funcionar como instituição particular de ensino superior, denominada Universidade do Paraná. O curso de Pedagogia sofreu inúmeras reformulações durante os anos:

O curso de pedagogia na UFPR, em especial, teve início em 1963, integrando a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que formava Licenciados e Bacharéis. Conforme registro em ata, o curso teve formada sua primeira turma em 1967, formando, separadamente, Pedagogos e Orientadores Educacionais. Em 1973, a Educação conquista um Setor próprio e os cursos passam a ser chamados de Licenciatura e Bacharelado do Setor de Educação da UFPR e foi nesse período que o curso pedagogia passou a ter maior destaque. Os alunos se formavam em pedagogia com habilitação em Administração Escolar, Orientação Educacional ou Supervisão Escolar. (SILVEIRA, 2013, p. 5)

Atualmente, o curso tem duração de cinco anos e pretende formar o profissional para atuar em docência (educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental e EJA), organização e gestão do trabalho pedagógico e pesquisa. Como é relatado na própria proposta Curricular do Curso de Pedagogia da UFPR (1995):

(...) o Pedagogo enquanto profissional da educação, que conhece e reconhece o espaço escolar em sua totalidade, como articulador e organizador do processo político-pedagógico escolar, no bojo de uma sociedade perpassada por novos paradigmas políticos, econômicos, sociais e culturais. (UFPR, 1995, p. 41)

O magistério no Brasil tem se constituído historicamente como uma profissão desempenhada principalmente por mulheres, porém sabe-se que no século XVI eram os jesuítas que ocupavam este papel e, posteriormente, também eram homens os responsáveis pelas “aulas régias” e outras formas de educação (LOURO, 2000). Entretanto, com o passar dos anos, o magistério foi se reestruturando e assumiu novas configurações, tornando-se um espaço constituído em sua maioria por mulheres. Essas mudanças na área da educação, no Brasil e em outros países, intensificaram-se na segunda metade do século XIX, acompanhando o contexto histórico e social daquela época, em

que mudanças na forma de produção e na economia desencadearam grandes transformações que foram percebidas em diversas esferas da sociedade. A mudança no perfil dos docentes, chamada por Louro de “feminização do magistério”, ocorreu, pois estava

(...) provavelmente vinculado ao processo de urbanização e industrialização que ampliava as oportunidades de trabalho para os homens. A presença dos imigrantes e o crescimento dos setores sociais médios provocavam uma outra expectativa com relação à escolarização. Esses fatores e ainda a ampliação das atividades de comércio, a maior circulação de jornais e revistas, a instituição de novos hábitos e comportamentos, especialmente ligados às transformações urbanas, estavam produzindo novos sujeitos sociais e tudo concorria para a viabilização desse movimento. O processo não se dava, contudo, sem resistências ou críticas. A identificação da mulher com a atividade docente, que hoje parece a muitos tão natural, era alvo de discussões, disputas e polêmicas. Para alguns parecia uma completa insensatez entregar às mulheres usualmente despreparadas, portadoras de cérebros "pouco desenvolvidos" pelo seu "desuso" a educação das crianças. (LOURO, 2000, p. 449)

O maior número de mulheres no magistério pode ser relacionado, ainda, aos papéis historicamente atribuídos às mulheres e questões como os baixos salários, por exemplo:

A partir de então [século XIX] passam a ser associadas ao magistério características tidas como "tipicamente femininas": paciência minuciosidade, afetividade, doação. Características que, por sua vez, vão se articular à tradição religiosa da atividade docente, reforçando ainda a idéia de que a docência deve ser percebida mais como um "sacerdócio" do que como uma profissão. Tudo foi muito conveniente para que se constituísse a imagem das professoras como "trabalhadoras dóceis, dedicadas e pouco reivindicadoras", o que serviria futuramente para lhes dificultar a discussão de questões ligadas a salário, carreira, condições de trabalho etc. (LOURO, 2000, 447)

Apesar destas mudanças terem ocorrido no século XIX e das muitas pesquisas e reflexões que têm sido feitas problematizando a feminização do magistério, percebe-se que esta é uma característica que ainda prevalece e que foi percebida como resultado das respostas do questionário do qual trata este trabalho: das 105 respostas obtidas, 94 (89,52%) pessoas declararam-se como do gênero feminino, dez (9,52%) do gênero masculino, e uma (0,95%) pessoa declarou-se como não-binária.

Ainda assim, o número de pessoas do gênero masculino que responderam ao questionário (dez homens, de 105 respostas) pode ser visto com um número considerável, já que as respostas referem-se a uma pequena amostragem do total de estudantes do curso. Estão matriculados no período da manhã 336 estudantes e no período da noite 458, totalizando 794⁴. Destes, 50 são estudantes do gênero masculino. Sobre a importância do crescimento da participação masculina no curso de pedagogia:

(...) poderia se caracterizar como uma forma de resistência, confrontando os discursos sociais e culturais – permeados pelas relações de gênero e poder –, que instituem a docência para crianças como uma opção (exclusivamente) feminina (CASTRO; SANTOS, 2016, p. 59).

Apenas uma pessoa declarou-se como não-binária. Além das questões já citadas sobre a feminização do magistério, que acarreta num determinado perfil de alunos, seria interessante refletir sobre quais outros motivos levam o curso de Pedagogia da UFPR a ter um perfil tão pouco heterogêneo quando se trata de gênero.

Ao analisar as respostas referentes à idade dos participantes da pesquisa, verificou-se que seis estudantes responderam de forma incorreta a esta pergunta⁵. Quanto aos 99 estudantes que indicaram sua idade: 57,5% deles estão entre os 18 e 26 anos; 26,2% entre os 27 e 38 anos; 12,1% estudantes estão entre os 40 e 55 anos.

Relacionando o perfil etário dos estudantes com o gênero, verifica-se que, de forma geral, a maioria dos estudantes são mulheres, porém, entre os estudantes de 38 a 55 anos, houve um maior equilíbrio entre os que se declararam dos gêneros masculino e feminino. Não foram encontrados estudos que relacionem o interesse por pedagogia e faixa etária, porém, todas as pessoas do gênero feminino entre 38 e 55 que responderam a esta pesquisa são mães e apenas uma dela é solteira. Talvez as representações sobre o magistério como uma profissão que envolve o cuidar e, por isso, frequentemente relacionada às mulheres, possa estar ligada a escolha dessas estudantes. Porém, o questionário não oferece dados para desenvolver uma

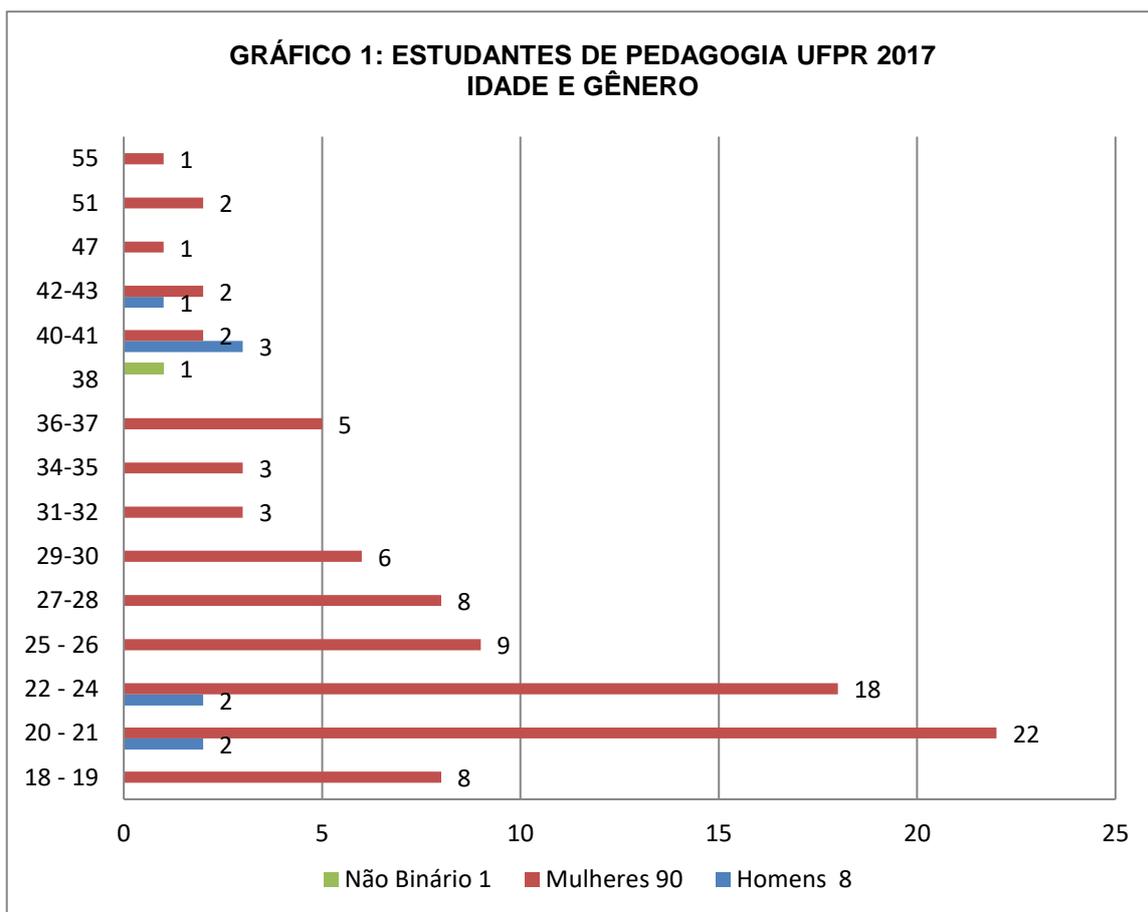
⁴ Os dados foram fornecidos pela coordenação do curso de pedagogia da UFPR.

⁵ Não é possível afirmar se não compreenderam a pergunta ou se houve algum receio de ser identificado ou outros motivos.

análise aprofundada sobre este ponto – precisaríamos conversar com este grupo de estudantes para perceber de que forma a escolha pelo magistério pode estar associada à faixa etária, ou não. Quanto aos estudantes do gênero masculino, torna-se ainda mais difícil inferir explicações sobre a escolha pelo curso. Uma possibilidade poderia estar relacionada à maior disponibilidade de tempo de alguns, ainda assim, não se pode afirmar. Segundo Raposo e Gunther,

(...) é a aposentadoria e da busca de novas metas, pois pode ajudar no contato com as pessoas, no melhor relacionamento com os filhos, no desejo de refazer a vida, na adaptação a novos padrões exigidos pelo mercado de trabalho ou às exigências de novas legislações (RAPOSO; GUNTHER, 2008, 125)

O gráfico abaixo apresenta o perfil etário dos estudantes do curso de pedagogia da UFPR:

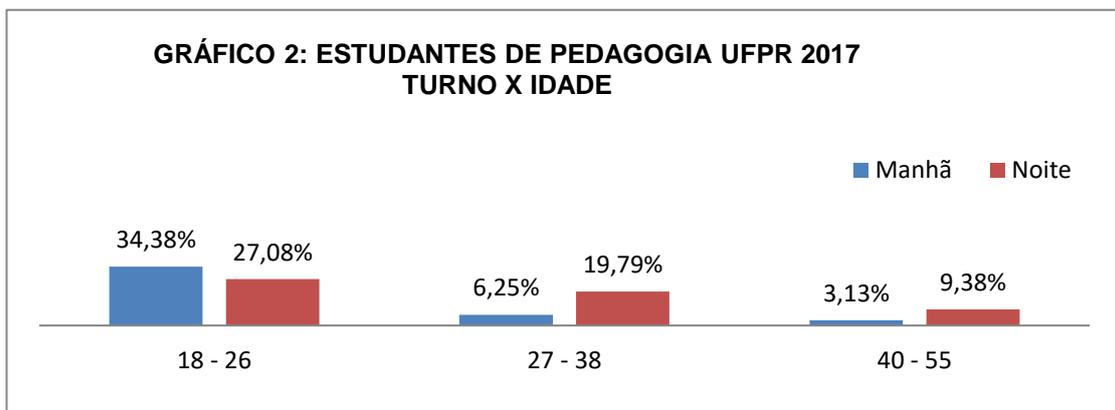


FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

Dentre estudantes que responderam ao questionário, 54% estão matriculados no período noturno, 43% estão no período matutino e menos de 4% dos estudantes se revezam entre os dois períodos. Alguns estudantes optam por cursar disciplinas nos dois períodos a fim de concluir o curso mais rapidamente ou, ainda, porque têm interesse em disciplinas optativas em outros turnos. Não houve perguntas no questionário sobre alunos que cursam disciplinas eletivas⁶, embora a universidade também ofereça esta possibilidade.

Em trabalho publicado em 2015, a pesquisadora Adriane Knoblauch verificou que entre os candidatos inscritos no vestibular da UFPR para o curso de Pedagogia os ingressantes em 2012, “quase 50% dos alunos do período da manhã possuem 18 anos ou menos, enquanto que mais de 40% dos alunos do período da noite possuem 22 anos ou mais” (KNOBLAUCH, 2015, p. 6).

Comparando com os dados obtidos neste estudo, é possível notar que entre os estudantes do período matutino, a maioria declarou estar entre 18 a 26 anos de idade.



FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

Também no gráfico acima é possível observar que entre os estudantes do período noturno, a maioria declarou estar na faixa etária entre os 18 a 26. Isso pode sugerir que os estudantes mais novos tanto optam pelo turno da manhã quanto pelo turno da noite, já os estudantes mais velhos optam por

⁶ Alunos dos cursos de graduação da UFPR podem se matricular em qualquer disciplina ofertada pela Instituição, mesmo que ela não faça parte de sua grade curricular, desde que tenham vagas disponíveis. São as chamadas disciplinas eletivas. Disponível em <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/letras/files/2013/02/INFORMATIVO-2013-1-SOBRE-DISCIPLINAS-ELETIVAS-E-ISOLADAS.pdf>>. Acessado em 21 de outubro de 2017.

frequentar o curso no período noturno, provavelmente direcionados por demandas de trabalho e familiares.

Outro ponto observado em relação ao turno em que os estudantes realizam o curso é que existem no período da manhã quatro homens e 41 mulheres matriculados, já no período noturno são seis homens e 50 mulheres, os demais estudantes que responderam ao questionário e conciliam a universidade nos dois turnos são mulheres. Observando esses dados é possível perceber um equilíbrio em relação ao gênero e o turno em que esses estudantes realizam o curso.

Quanto ao estado civil destes estudantes, 68,57% declararam-se solteiros, 30,47% declararam-se casados ou em união estável, enquanto 0,95% dos estudantes declarou-se como divorciado(a). Outro ponto observado é que entre as/os estudantes solteiras(os), 10 têm filhos e, entre os casados, são 19 estudantes que têm filhos.

Visto que este trabalho propõe uma reflexão sobre o uso do tempo, este é um dado relevante: uma vez que a maior parte dos estudantes são mulheres, o cuidado com os filhos pode representar uma sobrecarga de tempo. Ainda, o questionário não contemplou perguntas sobre o cuidado com outras pessoas da família, o que representaria maior responsabilidade e uso do tempo.

Em outras palavras, as desigualdades entre os sexos e/ou gêneros estruturam-se na tradicional divisão sexual do trabalho, que atribui às mulheres a responsabilidade pelas tarefas domésticas e pelo trabalho do cuidado de outros, especialmente de filhos, idosos e doentes, desempenha da na esfera da reprodução social, enquanto aos homens são designados os espaços de atuação na vida econômica e política da sociedade. (BANDEIRA; PRETURLAN, 2016, p. 43)

Entre as mulheres solteiras, nove declararam ter filho(s) e das que estão casadas ou em união estável, foram dezessete. Entre os homens solteiros apenas um declarou ter filho, já entre os homens casados, foram três. Algumas pesquisas relatam que existe uma relação de uso do tempo e atividades distintas entre homens e mulheres com filhos:

No caso dos homens, aqueles sem filhos gastam mais tempo do que os homens com filhos, e, entre estes, o tempo gasto com afazeres domésticos não varia de acordo com o número de filhos. Estes dados sugerem, de maneira preliminar, que a existência de filhos impacta

aparentemente quase só o tempo gasto pelas mulheres. (PINHEIRO, 2016, p. 68)

A questão 3 (“Assinale a alternativa que identifica sua cor/raça”) foi formulada utilizando as mesmas opções de respostas propostas nos questionários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, com as alternativas “branco, preto, amarelo, pardo, indígena”, além disso, foi acrescentada a opção “outros”, para estudantes que não se identificassem com nenhuma das opções anteriores.

Existem muitas pesquisas que tratam das dificuldades de acesso da população negra e indígena ao ensino superior. Apesar do aumento da taxa de escolarização líquida no ensino superior a partir dos anos 1990, “as desigualdades raciais não estão diminuindo, a despeito do crescimento absoluto das taxas” (SOTERO, 2013, p. 40). Na UFPR, esta realidade é visível. Neste sentido, esperava-se que o número de respostas ao questionário de pessoas que se declaram negras fosse menor, o que de fato, ocorreu. Das 105 respostas, 68.5% se declararam brancos(as), 24,1%, declararam-se pardos(as) e 6,7% declararam-se preto (as). Nenhuma pessoa se declarou como indígena e uma declarou-se como árabe. Contudo, ao considerar que a maior parte da população brasileira é negra, estes números sugerem a necessidade de debruçar-se sobre esta questão. Ristoff (2013, p.10), ao analisar dados de dois ciclos do ENADE entre 2004 e 2009, conclui que “entre os cursos menos brancos, as licenciaturas predominam”, porém, o autor apresenta dados que mostram que mesmo entre estes cursos o número de brancos supera os 48% de pessoas que se declaram brancas/os nas pesquisas do IBGE. Assim, os dados levantados pelo questionário sugerem que estas diferenças se mantêm no curso de pedagogia da UFPR, contudo, os dados se referem a uma amostra dos estudantes, para afirmar esta diferenças, precisaríamos nos basear nas respostas de todos os estudantes.

Sobre as diversas classificações de cor e raça, pode-se dizer que a classificação racial brasileira “como também a de alguns países latino-americanos, decorre de se assentar na aparência e não na ascendência” (ROCHA; ROSEMBERG, 2007, p. 762). Uma parcela do movimento negro propõe a classificação racial binária (brancos e negros), considerando entre os negros(as) definições como pardo, por exemplo. (ROCHA; ROSEMBERG,

2007). Se levamos em conta esta forma de classificação, a diferença entre o número de alunos brancos e negros diminuiu, mas o número de pessoas brancas continua bem maior e não reflete a distribuição racial da população brasileira, de maioria negra. É preocupante que um curso que prepara profissionais para a educação tenha um perfil tão pouco diversificado.

Em relação às pessoas negras(os) que responderam ao questionário, a maioria se encontra na faixa etária dos 19 aos 25 anos e é solteira(o), já em relação ao turno em que realizam o curso existe um equilíbrio no número de estudantes no período da manhã e no período da noite.

Do total de estudantes que se declaram negros, seis são estudantes do gênero feminino e um do masculino. Dados da pesquisa “Desigualdades de cor/raça e sexo entre pessoas que frequentam e titulados na pós-graduação brasileira: 2000-2010”, produzido pela Fundação Carlos Chagas sob coordenação da pesquisadora Fulvia Rosemberg, informam que,

Em relação ao ensino superior, no recorte racial, o relatório ressalta que apesar de os indicadores de acesso de pretos e pardos ao ensino superior terem triplicado entre 1995 e 2006, em 2006 os pretos e pardos, na faixa de idade entre os 18 e 24 anos, representavam apenas 6% dos jovens nesse nível de escolarização. (apud PAIXÃO, 2010)

Quando se trata da divisão sexual do trabalho⁷, as mulheres frequentemente vivenciam situações desfavoráveis em relação aos homens: menores salários, menos posições de chefia/comando, mais horas de atividades não-remuneradas, etc. Quando se trata das mulheres negras, estas diferenças acentuam-se ainda mais, e estão presentes também no acesso à educação, conforme descreve Melo:

(...) o caminho oferecido às mulheres brancas até a educação foi diferente e menos árduo do que aquele trilhado pelas mulheres negras e índias. Historicamente este foi um processo lento que primeiro atendeu às mulheres brancas da elite e só na segunda metade do século 20 estendeu-se a todas as mulheres, independentemente de raça (MELO, 2007, p. 64).

⁷ Segundo Hirata (2007, p. 599), “A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada historicamente e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.).

Políticas afirmativas e outras ações têm sido colocadas em prática nas universidades a fim de aumentar o acesso da população negra ao ensino superior. Estes dados reafirmam a importância destas políticas e de pensar em formas de ampliá-las, uma vez que as diferenças ainda permanecem.

Quanto à trajetória escolar dos estudantes, 49,1% afirmaram já terem iniciado outra graduação, enquanto 50,9% estão na primeira graduação. Dos que já iniciaram outro curso, 18 estudantes concluíram e estão, portanto, na segunda graduação. Foi interessante perceber que as outras graduações são de áreas muito distintas, como rádio e televisão, ciências contábeis, direito, odontologia, gastronomia – não necessariamente se relacionam com educação. Entre as respostas, houve um(a) aluno(a) que está cursando psicologia paralelamente ao curso de pedagogia.

Sobre o período em que se encontram os estudantes no curso de pedagogia, houve um equilíbrio de distribuição entre os 5 anos do curso: 12% estão entre o 1º e 2º período; 19% estão entre o 3º e 4º períodos; 20% entre o 5º e 6º períodos; 27% nos 7º e 8º períodos; 20% entre o 9º e 10º períodos e o restante está desperiodizado(a). As respostas que serão analisadas ao longo deste trabalho e que se referem ao uso do tempo e trajetória acadêmica serão baseadas, em sua maioria, em estudantes que já cursaram mais de 50% do curso.

Portanto, percebem-se perfis heterogêneos entre os estudantes que responderam ao questionário. Ainda assim, algumas expectativas confirmaram-se, como a maior presença de mulheres brancas.

3. RELAÇÕES DE TRABALHO: ATIVIDADES REMUNERADAS, ATIVIDADES NÃO-REMUNERADAS E TEMPO

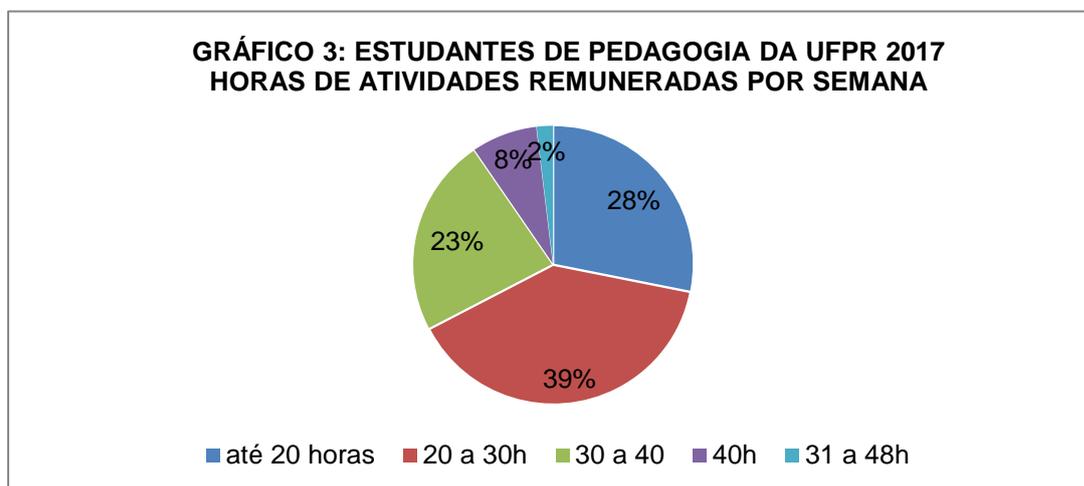
3.1. ATIVIDADES REMUNERADAS

O curso de Pedagogia da UFPR não é integral – as aulas acontecem cinco vezes por semana, em meio período, com turmas nos turnos matutino e noturno. Portanto, a carga horária do curso permite que as/os estudantes trabalhem, além de estudar.

Sendo uma atividade cuja carga horária pode ocupar muito tempo no cotidiano, saber o espaço que o trabalho ocupa na rotina dos estudantes é muito importante. Neste sentido, o questionário apresentou seis perguntas sobre a atuação profissional dos estudantes, a fim de investigar quanto tempo é dedicado ao trabalho semanalmente, qual a faixa salarial dos estudantes, o impacto da renda individual no contexto familiar e se trabalha na área da educação⁸.

Do total de respostas ao questionário, 84% dos estudantes informaram que realizam alguma atividade remunerada, enquanto 16% apenas estudam. Dos estudantes trabalhadores, 28% trabalham até 20 horas semanais, 39% trabalham de 20 a 30 horas semanais – possivelmente, em estágios de 4 ou 6 horas diárias. Além disso, 23% dos alunos responderam que trabalham entre 30 e 40 horas semanais (possivelmente, 8 horas diárias), 7,6% informaram trabalhar mais de 40 horas semanais e 1,9% (duas pessoas) trabalham de 31 a 48 horas semanais. Como é possível visualizar no gráfico abaixo:

⁸ Saber se os alunos trabalham na área da educação (independente do tipo de vínculo empregatício) é importante, visto que informa se o estudante pode aliar a teoria e a prática no âmbito profissional. É certo que para avaliar as formas e a qualidade da aprendizagem estes espaços permitem seria necessária uma outra investigação. Todavia, como este trabalho está voltado para uma reflexão sobre o uso do tempo, é relevante notar se o estudante consegue articular a universidade com o trabalho em sua rotina, aproveitando o tempo de que dispõe para o trabalho de forma a potencializar sua formação.



FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

O dado obtido sobre o número total de estudantes que trabalham vai ao encontro das estatísticas disponíveis sobre universitários brasileiros, como os do MEC de 2003, que indicavam que 70% dos universitários realizavam algum tipo de trabalho (VARGAS; PAULA, 2013, p.8), assim como “Os dados do QSE do Enade do segundo ciclo (2007, 2008 e 2009) revelam que aproximadamente (...) 56% dos estudantes brasileiros trabalham e estudam” (RISTOFF, 2013, p. 17).

Porém, este número de alunos que trabalham sofre grande variação de acordo com o curso e a renda das famílias. Ristoff (2013, p. 17) apresenta dados que mostram que “Enquanto Medicina e Odontologia têm 8% e 15% de estudantes trabalhadores, Pedagogia tem 79%, História 73% e Biblioteconomia 69%”. O mesmo autor vê a “forte correlação com os níveis de renda familiar, a origem escolar no ensino médio e a cor dos estudantes” (RISTOFF, 2013, p. 17).

Foi possível encontrar diversos estudos que se debruçaram sobre as condições do estudante trabalhador, a partir de variados recortes: Tombolato (2005) analisou a qualidade de vida e os sintomas psicopatológicos destes estudantes; fatores associados ao trabalho que influenciam no desempenho acadêmico dos estudantes trabalhadores também são objeto de investigação (NIQUINI et al., 2015); existem análises sobre as condições de acesso e permanência das camadas populares, como a feita por Zago (2006), ou sobre a evasão escolar nas universidades brasileiras (SANTOS; SILVA, 2011), que abordam, entre diversas questões, as dificuldades do estudante trabalhador.

Vargas e Paula (2013), ao levantarem dados sobre o tema, verificaram que,

Trata-se, assim, de uma situação particular e recorrente na condição do estudante da educação superior e que atua como um complicador para a sua permanência e conclusão: o fato de ser também um trabalhador. Segundo a PNAD de 2006, entre os jovens de 18 e 19 anos no Brasil, 27% só estudavam. Entre os demais, 50,6% trabalhavam, sendo que 30,6% somente trabalhavam e 20% trabalhavam e estudavam. É expressivo, ainda, o percentual daqueles que se dedicavam a afazeres domésticos: 17,2%. Vale dizer: 67,2% de jovens entre 18 e 19 anos no Brasil desempenham algum tipo de trabalho (VARGAS; PAULA, 2013, p. 8).

Entre os alunos que responderam ao questionário, 8 estão na faixa etária entre 18 e 19 anos. Levando-se em conta que a idade de ingresso na universidade pode ser a partir dos 17 anos (idade de conclusão do Ensino Médio sem reprovações ou interrupções) este é um número pouco expressivo⁹. Por outro lado, Knoblauch (2015), após analisar os dados dos estudantes de pedagogia ingressantes no curso em 2012, concluiu que “a maioria destes está na faixa etária entre 19 e 21 anos. (...) quase 50% dos alunos da manhã possuem 18 anos ou menos, enquanto que mais de 40% dos alunos da noite possuem 22 anos ou mais”. A análise aqui apresentada conta com dados obtidos cinco anos depois, proveniente do questionário respondido por um grupo de 105 alunos do curso, que estão cursando pedagogia na UFPR.

Entre estes 8 estudantes, 5 trabalham e estudam: 2 trabalham menos de 20 horas semanais e 2 trabalham entre 20 e 30 horas por semana; um deles, no entanto, declarou trabalhar mais de 40 horas semanais.

Quanto à faixa etária dos 20 a 28 anos, que concentra a maior parte das alunas e alunos que responderam à pesquisa (61 estudantes), 53 trabalham. A respeito da carga horária de trabalho, foi possível notar que: 7 trabalham menos de 20 horas semanais; 25 trabalham de 20 a 30 horas por

⁹ Analisando este dado por outra perspectiva, Zago (2006, p. 227-228), ao falar das camadas populares e dificuldade de acesso ao ensino superior, explica que há “uma grande maioria excluída do sistema de ensino superior brasileiro, sobretudo se considerarmos que na faixa etária de 18 a 24 anos apenas 9% freqüenta esse nível de ensino, um dos percentuais mais baixos do mundo”. Assim, é necessário considerar a possibilidade de que este seja um fator que implique no baixo número de estudantes nesta faixa etária no curso de Pedagogia da UFPR. Por outro lado, também se deve lembrar que apenas uma parcela do curso respondeu ao questionário, o que não permite afirmar que esta é, de fato, uma característica do curso.

semana; 17 trabalham de 31 a 40 horas semanais; 1 pessoa trabalha de 31 a 48 horas por semana e 3 pessoas trabalham mais de 40 horas semanais.

Vargas e Paula, ao falar das atividades realizadas por jovens entre 20 e 24 anos no Brasil, destacam que

(...) o trabalho passa a ser mais importante que os estudos. Nesta faixa etária, 64,4% trabalhavam, sendo que 49,7% tinham como atividade exclusiva o trabalho e 14,7% associavam o trabalho ao estudo. O percentual que somente estudava era de apenas 10,8%, e 20,3% cuidavam de afazeres domésticos (IBGE, 2007) (VARGAS; PAULA, 2013, p. 466).

Quando comparam-se as duas faixas etárias dos estudantes de pedagogia, pode-se notar que nos dois grupos prevalece a carga horária de trabalho de até 30 horas. É possível supor que se trate de estudantes que fazem estágio em instituições educacionais com carga horária diária de 4 a 6 horas, cinco dias por semana. A maioria dos que trabalham até 30 horas por semana, informaram que trabalham na área da educação.

A carga horária de trabalho é um fator que pode influenciar na escolha do turno de estudo:

A condição de trabalho impõe limites ao turno em que o aluno pode estudar. Se trabalhar 40 horas, o turno da noite será a opção natural. Trabalhando mais de 20 e menos de 40 horas, a maior chance é de estas acompanharem o horário comercial, restando ao aluno o turno da noite como opção. Se trabalhar até 20 horas, pode suceder que estas ocorram pela manhã, à tarde ou à noite, abrindo mais opções de turno para o estudante. Ainda assim a oferta de trabalho no horário comercial é majoritária, o que implica novamente na opção pelo turno da noite. (VARGAS; PAULA, 2013, p. 471)

Por isso, muitos dos estudos falam da situação do estudante trabalhador que estuda no período noturno, que é o turno que mais concentra estes estudantes. Na pesquisa realizada para este estudo, as diferenças entre os turnos matutino e noturno mostram que dos 45 alunos que estudam de manhã, 51,11% deles trabalham. Dos 60 que estudam à noite, 81,66% trabalham. Portanto, no curso de pedagogia da UFPR, a maior parte dos alunos trabalhadores parece estudar à noite. Os dados referentes aos estudantes ingressantes em 2012 apresentados por Knoblauch (2015, p.11), mostravam que “o número de alunos que trabalha em meio período ou período

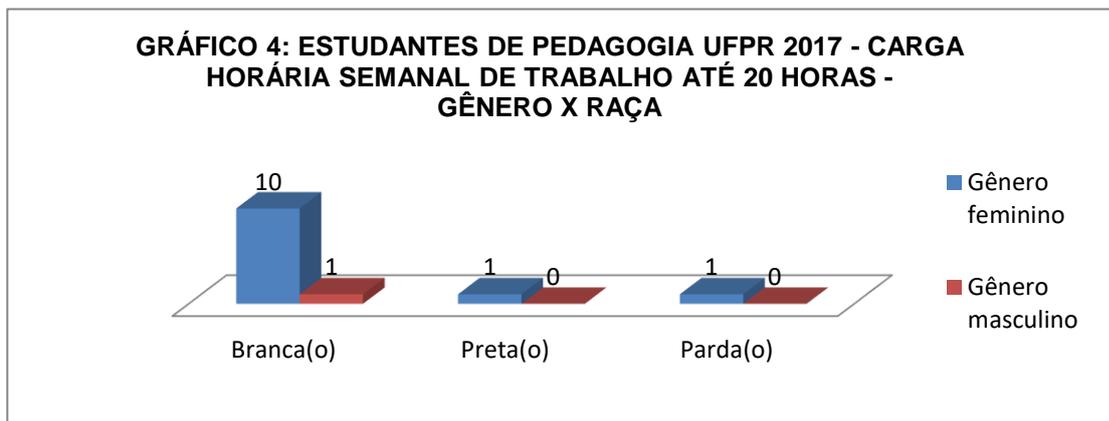
integral também é alto: 28,12% dos alunos da manhã e 51,11% dos alunos do noturno”. Assim, a diferença entre os dois turnos parece manter-se.

Santos e Silva (2011, p. 9) citam pesquisa sobre universitários franceses que relacionou horas de trabalho, sucesso escolar e abandono dos estudos, e que concluiu que os estudantes “são prejudicados ou ameaçados por investimento em tempo de trabalho, acima de 16 a 20 horas semanais, índices que acompanham uma curva também crescente da taxa de fracasso e abandono dos estudos”. Embora o foco deste trabalho não seja a evasão escolar no ensino superior, estes dados dão uma dimensão das dificuldades em conciliar estudo e trabalho.

Entre as respostas à pesquisa, um número considerável de alunas(os) respondeu que trabalha entre 31 e 40 horas semanais – provavelmente com carga horária de 8 horas ao dia – e duas pessoas relataram trabalhar mais de 40 horas. Estes são números que indicam uma rotina cuja quase metade do tempo diário corresponde a trabalho e estudos. No entanto, sabe-se que a vida destes estudantes é composta ainda por outras esferas e relações que demandam tempo.

Ainda levando em conta a carga horária de trabalho, buscou-se perceber quem são os estudantes com a menor carga horária de trabalho (até 20 horas semanais). Por questões já abordadas em outros pontos desta pesquisa, sabe-se que as maiorias dos estudantes do curso de pedagogia são do gênero feminino – há 50 homens matriculados atualmente. Sendo assim, é certo que, em boa parte das comparações entre gêneros nesta pesquisa, o feminino prevalecerá.

Mas o que foi possível identificar, além disso, é que dentre estudantes que trabalham até 20 horas semanais: 16 estudam no período matutino e 11 à noite; 16 das 27 pessoas têm entre 19 e 22 anos, 10 têm entre 27 e 50 anos e uma pessoa não informou a idade; 10 são casados ou estão em união estável e 16 são solteiros; entre os que têm cônjuge, 7 têm filhos; entre os solteiros, 14 vivem com os pais e/ou irmãos, um vive com o cônjuge, três vivem sozinhos; 13 declaram que a renda individual é importante para a renda familiar. Além disso, como mostra o gráfico abaixo, prevalecem as estudantes brancas do gênero feminino neste grupo:



FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

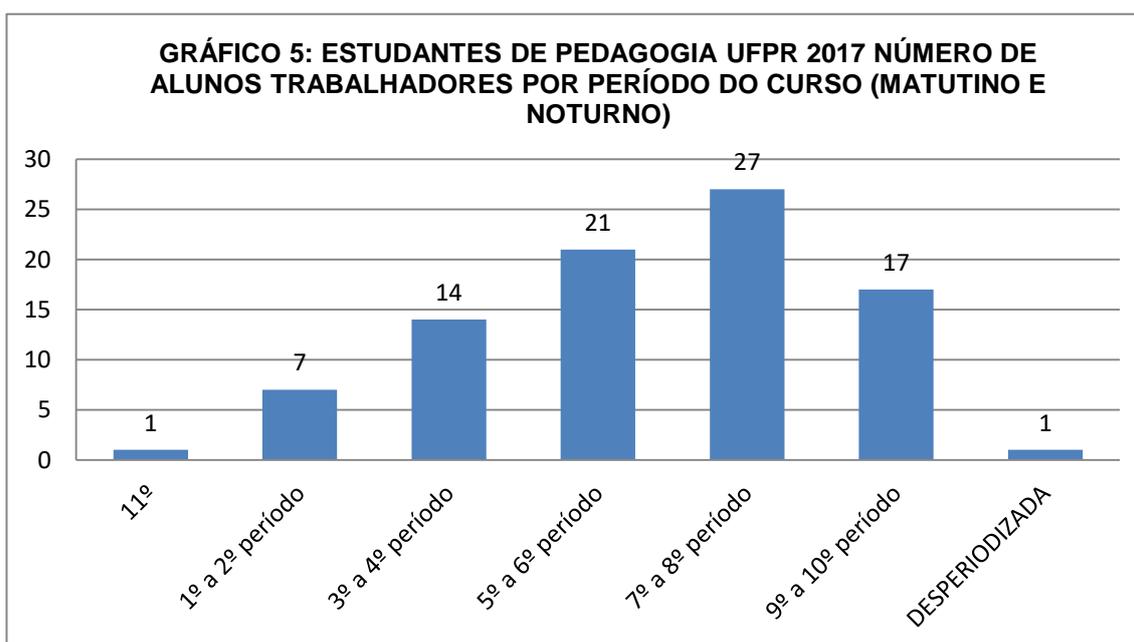
Sobre as grandes diferenças no número de brancos, negros pardos e indígenas na universidade, Ristoff (2013, p. 8) destaca que “O Censo do IBGE de 2010 mostra que pretos e pardos formam o grupo majoritário da população brasileira, com 51%, enquanto que 48% se identificam como brancos. O campus brasileiro (...) está longe de refletir esse perfil populacional”. O mesmo autor apresenta dados referentes aos diferentes cursos com base em dados do ENADE entre 2004 e 2009 e, sobre o curso de Pedagogia, ele percebe uma diminuição de 59% para 53% de alunos brancos. Para efeito de comparação, em Medicina, o índice de alunos brancos foi de 80% para 76%. Ainda assim, há pouco a se comemorar, visto que a população branca é minoria (RISTOFF, 2013, p. 9).

Para uma análise mais apurada em relação à UFPR, seria interessante saber o número exato de estudantes negras/os e pardas/os no curso. Contudo, é evidente, com base em dados gerais sobre ensino superior brasileiro, que a percepção de maioria branca no curso de pedagogia reflete a realidade brasileira.

O questionário final não incluiu questões sobre o deslocamento dos estudantes, mas este é um dado também muito relevante. Saber os meios de transporte utilizados pelos estudantes e o tempo gasto com a locomoção pode oferecer ainda mais subsídios para compreender a organização de tempo destes sujeitos e as diferentes experiências discentes, que envolvem não apenas o que acontece na universidade, mas também envolve o contexto social e os espaços pelos quais circulam. A depender do tempo e da distância, a locomoção pode ser um fator de grande estresse e que tem impacto no rendimento dos estudantes:

Estima-se que no Brasil, 11,4% dos trabalhadores levavam mais de uma hora para chegar ao trabalho. No Rio de Janeiro, eram 23,1% nessa condição e mais 30,7% que levavam entre meia hora e uma hora (IBGE, 2012). Os motivos são conhecidos: aumento do número da frota veicular e ausência de engenharia que acompanhe essa nova dimensão do tráfego, bem como uma notória ineficiência dos transportes públicos (VARGAS; PAULA, 2013, p. 474).

Outro dado que foi possível identificar, é que a maior parte dos estudantes trabalhadores do curso está nos últimos períodos do curso:



FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

Isto pode indicar que o número de estudantes que passam a trabalhar na área de formação aumenta ao longo dos períodos do curso, provavelmente, com mais colocações em estágios na área de formação¹⁰.

O questionário não indagou os estudantes sobre o tipo de trabalho realizado atualmente – apenas se é na área da educação – porém, na pesquisa que realizou com 27 estudantes da UFSC, Zago (2006) explica que certas formas de trabalho que acontecem na universidade, como monitorias, estágios e iniciação científica, podem representar uma vantagem para os alunos que as desenvolvem, pois

¹⁰ De acordo com Zago (2006, p.234), pesquisas feitas na França nos anos 1990, “revelam que uma minoria trabalha no início do curso, mas a situação inverte-se no final (...) as mudanças estão também na carga horária de trabalho e no tipo de ocupação, progressivamente mais voltada para a área de formação. Apesar dos contextos diferentes em tempo e espaço, esta pode ser uma possível explicação para o resultado encontrado no curso de Pedagogia da UFPR.

A flexibilização de horário concedida por essas formas de admissão processadas no interior da universidade transforma-se em uma vantagem para o estudante. Existe ainda a possibilidade de utilizar computador, internet, espaço físico para estudar, além de estar em contato permanente com a instituição, pois sabemos o quanto essa condição pode representar para a sua vida acadêmica. Em geral esses estudantes permanecem toda a jornada na universidade e apropriam-se com maior intensidade da cultura acadêmica. Não é sem razão que declaram seus projetos de prosseguir os estudos na pós-graduação. (ZAGO, 2006, p. 234)

Sobre estes alunos, o que foi possível notar a partir dos questionários é que dos 105 alunos, 37 afirmaram participar de atividades na universidade, como as citadas acima – destes, 16 estudam no período matutino e 21 no noturno.

Paula e Vargas (2013), ao falar do estudante que trabalha, encontram dois “perfis” principais: o estudante-trabalhador que, de forma geral, tem um trabalho parcial, e cuja divisão entre estudo e trabalho afeta mais o âmbito do trabalho; e o trabalhador-estudante, que é aquele cujo estudo está subordinado ao trabalho, podendo influenciar, inclusive, na escolha do curso, que deve se encaixar na rotina de trabalho. Os dados obtidos sobre carga horária demonstram que a maior parte dos estudantes tem um trabalho parcial (de 20 a 30 horas), em sua maioria, estudantes-trabalhadores, portanto.

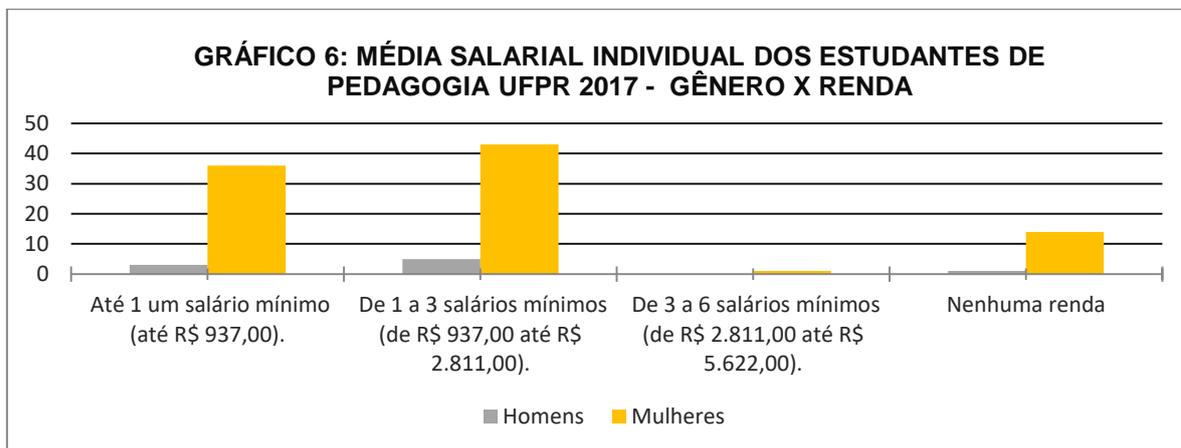
Sobre as motivações que levam os estudantes a trabalhar, frequentemente, precisam conciliar as duas atividades porque precisam da renda proveniente do trabalho e, ao mesmo tempo, precisam dos estudos para uma melhor colocação no mercado de trabalho, em situação oposta ao estudante em tempo integral que, de forma geral, não precisa se preocupar com o seu sustento (VARGAS; PAULA, 2013). Desta forma, nos casos dos que dependem da renda do trabalho, esta atividade pode não ser uma escolha mas, inclusive, um requisito para que se possa manter os estudos.¹¹

Deve-se ressaltar que esta discussão não trata das motivações para a escolha do curso. A possibilidade de conciliar estudos e trabalhos pode influenciar nesta escolha, o que não significa que o estudante não goste ou se

¹¹ Zago (2006, p. 234), apesar de reafirmar a necessidade de diversos acadêmicos em trabalhar para sustentar-se, faz uma ressalva ao lembrar que “ a atividade remunerada não tem uma função unicamente de sobrevivência material”, existem aqueles que trabalham por escolha, por outros motivos.

identifique com a área escolhida. O questionário não contemplou questões relativas a este assunto, mas poderia ser interessante.

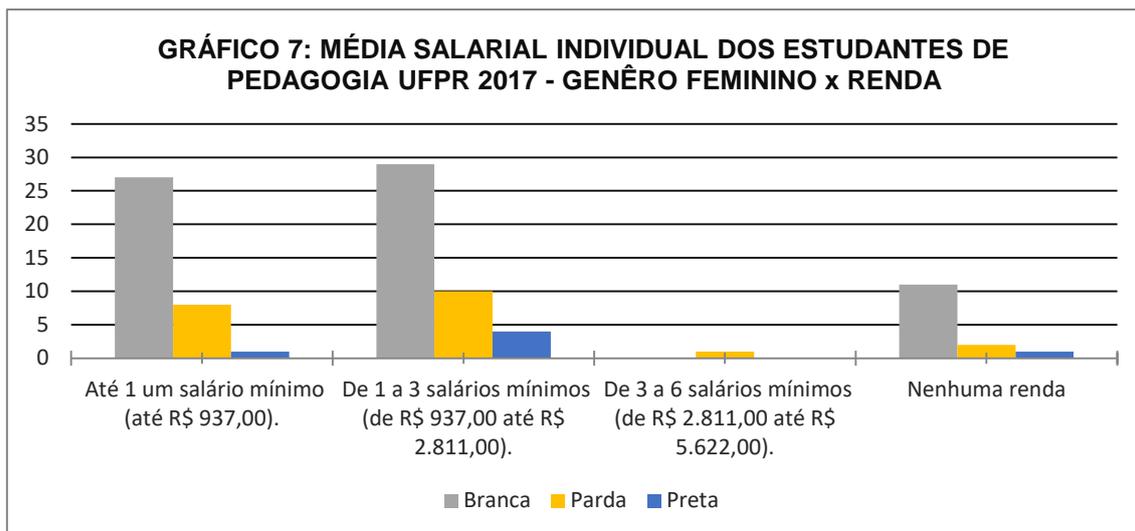
Quanto à renda individual dos estudantes (que resulta das respostas à pergunta 8 do questionário), foi realizada uma média salarial entre o gênero feminino e o gênero masculino. E chegou-se ao seguinte panorama:



FONTE: formulado pelas autoras a partir das respostas ao questionário.

Sendo assim, a maioria das estudantes que trabalham recebem de 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 937,00 até R\$ 2.811,00), porém existe um número expressivo de estudantes que recebem até um salário mínimo (até R\$ 937,00). Entre os estudantes do gênero masculino, a maioria se encontra na média de 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 937,00 até R\$ 2.811,00) e uma parcela significativa dos alunos que responderam ao questionário também recebem até 1 salário mínimo (até R\$ 937,00). Contudo, ao analisarmos o gráfico encontramos apenas uma estudante que declarou receber de 3 a 6 (de R\$ 2.811,00 até 5.622,00).

Ainda em relação ao trabalho remunerado destes estudantes, comparando a raça e gênero, também é possível concluir que entre as mulheres brancas, pardas e negras a média salarial se encontra na faixa de 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 937,00 até R\$ 2.811,00), distribuindo-se da seguinte forma:

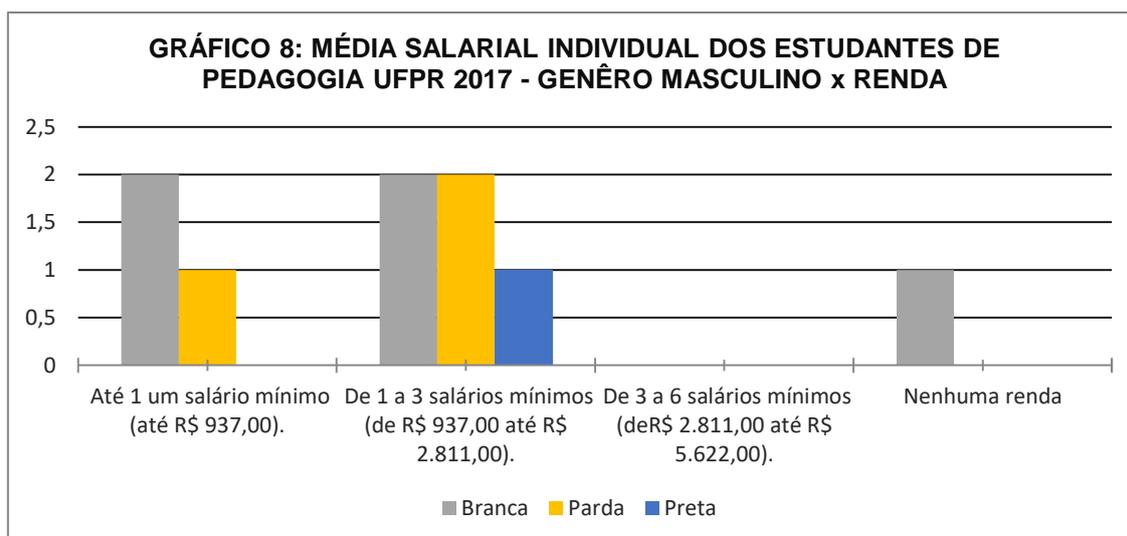


FONTE: formulado pelas autoras a partir das respostas ao questionário.

É possível observar que apenas uma aluna parda se encontra na faixa salarial de 3 a 6 salários mínimos, portanto em linhas gerais, essas estudantes reafirmam o que pesquisas falam sobre

A existência de valores arraigados, numa dada sociedade, que levem à discriminação por raça e/ou gênero, significa que essas características exercem influência no mercado de trabalho, tanto na admissão em um determinado tipo ou relação de emprego quanto na definição de sua remuneração. Ou seja, pessoas que apresentam atributos iguais, exceto quanto à raça e/ou gênero, são valorizadas de forma distinta pelos empregadores ou pelos usuários de serviços, apenas em virtude desses últimos atributos, caracterizando a existência de preconceito que leva a uma discriminação direta. Isso seria o motivo pelo qual o mercado remunera mais adequadamente o homem branco em detrimento dos homens negros e pardos e das mulheres (CACCIAMALI; HIRATA, 2005, p. 771).

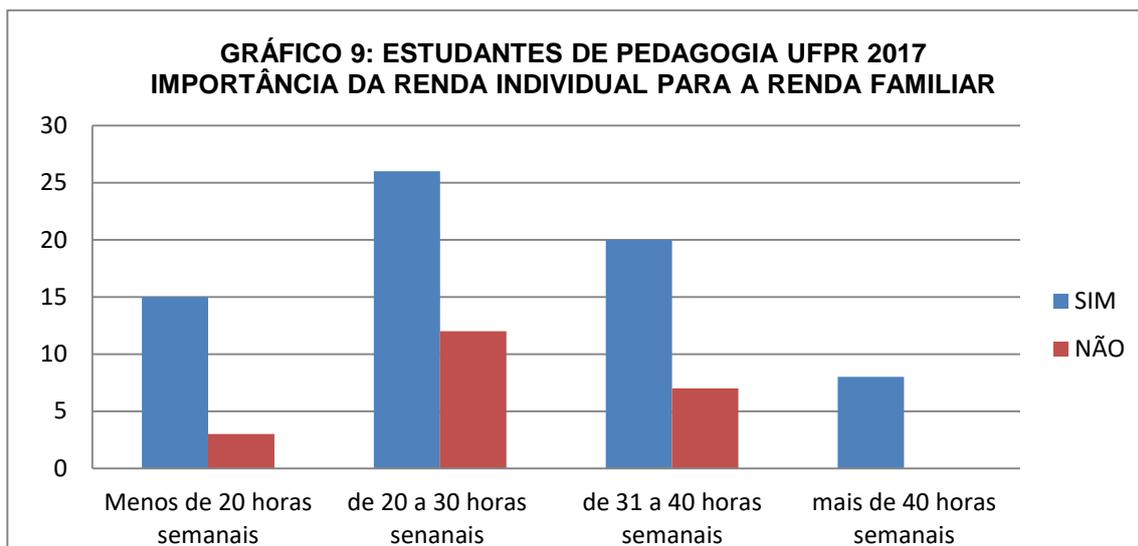
Comparado com os estudantes que se declaram do gênero masculino, em relação a distribuição salarial, gênero e raça, não é possível ter uma ampla visualização destes estudantes no curso de pedagogia da UFPR neste sentido, pois uma parcela pequena de homens respondeu ao questionário, porém para alguns pesquisadores como Cacciomali e Hirata (2016, p. 772) sabe-se que “Os homens negros apresentam maior defasagem salarial em termos de qualificação, ou seja, a discriminação ocorre no momento de sua formação educacional, e o mercado de trabalho, nesse caso, atua muito mais como ratificador da desigualdade do que gerador”. O gráfico seguinte apresenta a distribuição de renda individual dos estudantes do gênero masculino:



FONTE: formulado pelas autoras a partir das respostas ao questionário.

Os estudantes que se declaram pretos(as), de maneira geral, mantiveram o mesmo padrão salarial, tanto entre os homens como entre as mulheres. Não foi encontrado a partir das análises realizadas nenhum estudante preto (as) que ganhe um salário com o trabalho remunerado maior que os estudantes brancos e pardos.

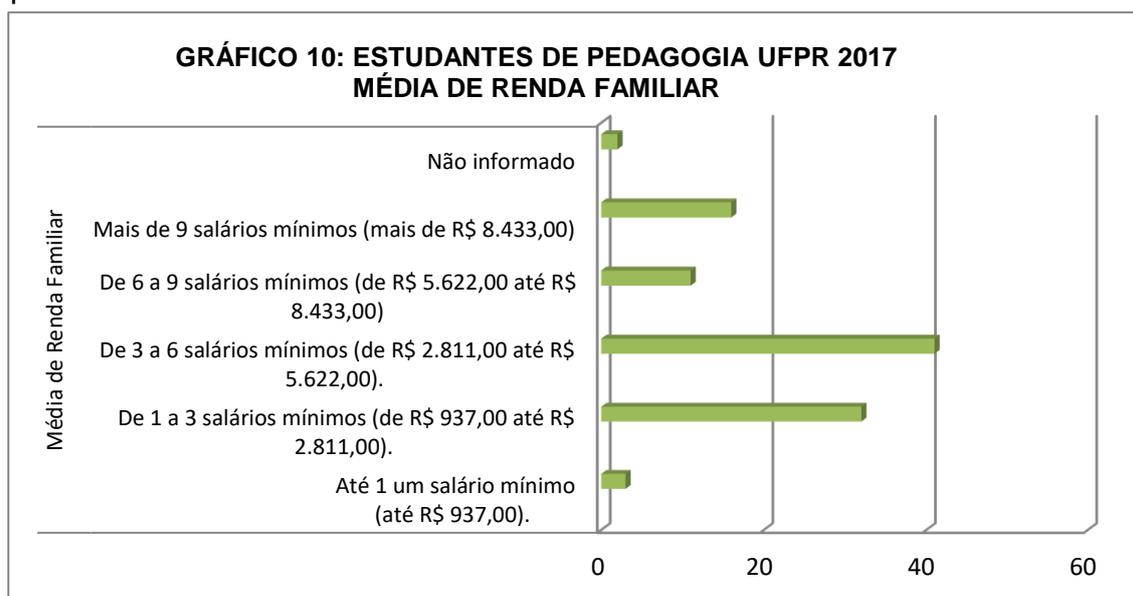
A partir das análises realizadas com a renda dos estudantes trabalhadores do curso de pedagogia que responderam ao questionário, ainda é possível comparar os estudantes que declaram na pergunta 10 (Sua renda é fonte importante no seu lar?), com a pergunta 6 (Quantas horas por semana é dedicada para atividade remunerada?). Dos estudantes que responderam que sua renda não é fonte importante para o seu lar, em relação ao trabalho remunerado, foi possível observar que trabalham menos horas por semana, se comparado com os estudantes que declararam que sua renda individual é importante para o seu lar, como é possível observar no gráfico abaixo:



FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

São 8 estudantes que, comparados com os demais, trabalham mais horas por semana, com uma carga horária remunerada que ultrapassa 40 horas semanais, e que ao mesmo tempo afirmam que sua renda é fonte importante no seu lar. Observou-se a renda desses estudantes e verifica-se que 7 estudantes recebem de 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 937,00 até 2.811,00) e um de 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.811,00 até 5.622,00).

A maioria dos estudantes que responderam ao questionário possuem renda mensal individual de até 3 salários mínimos. Quando leva-se em conta a renda familiar de todos os participantes dessa pesquisa, chega-se ao seguinte quadro:



FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

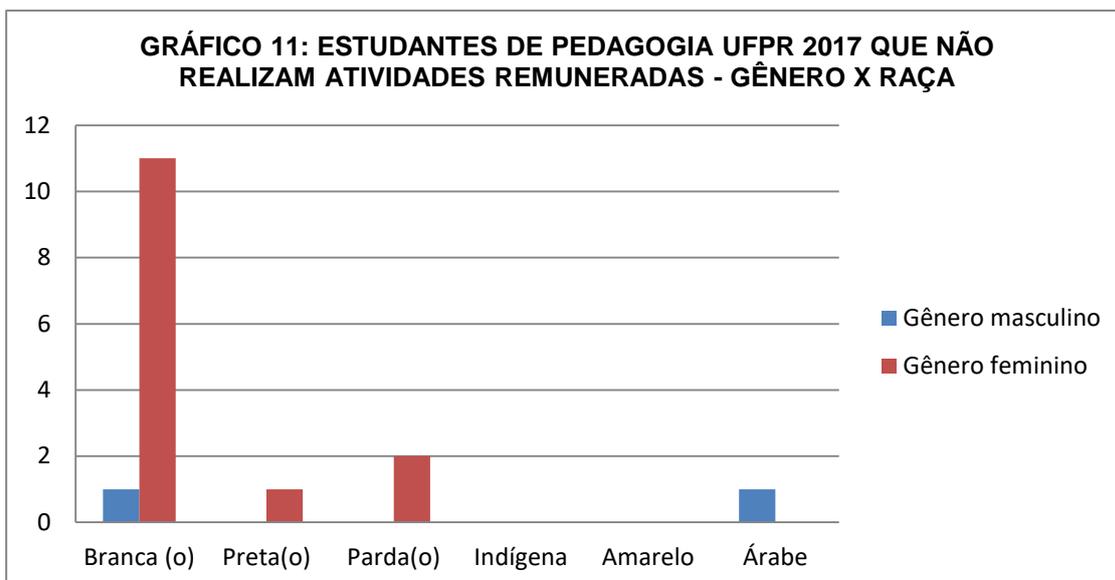
Portanto a maioria dos estudantes que respondeu ao questionário tem uma renda familiar de 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.811,00 até R\$ 5.622,00) e a minoria tem uma renda familiar de até 1 salário mínimo (até R\$ 937,00) . Pesquisas sobre diferença de renda entre os cursos de graduação revelam que,

(...) há no campus brasileiro, portanto, dez vezes mais estudantes de Medicina que vêm de famílias com mais de dez salários mínimos de renda do que famílias com essa faixa de renda no Brasil. Também em Odontologia e Direito, esses percentuais são bem superiores. Nos cursos de História e Biblioteconomia, temos uma representação praticamente paritária e no curso de Pedagogia uma representação 2% abaixo dos 7% da sociedade (RISTOFF, 2013, p.12).

Uma pesquisa realizada por Gatti (2010, p.1363) com estudantes de pedagogia, concluiu que “é muito expressivo o percentual de alunos com renda familiar de até três salários mínimos (39,2%) e escassa a frequência de sujeitos nas faixas de renda acima de dez salários mínimos”. Nestas análises de grande porte, diluem-se as diferenças regionais. Porém, Knoblauch (2015) encontrou dados semelhantes em seu estudo sobre o curso de pedagogia da UFPR, em que a maioria dos alunos eram provenientes de famílias com renda de até 5 salários mínimos (em 2012).

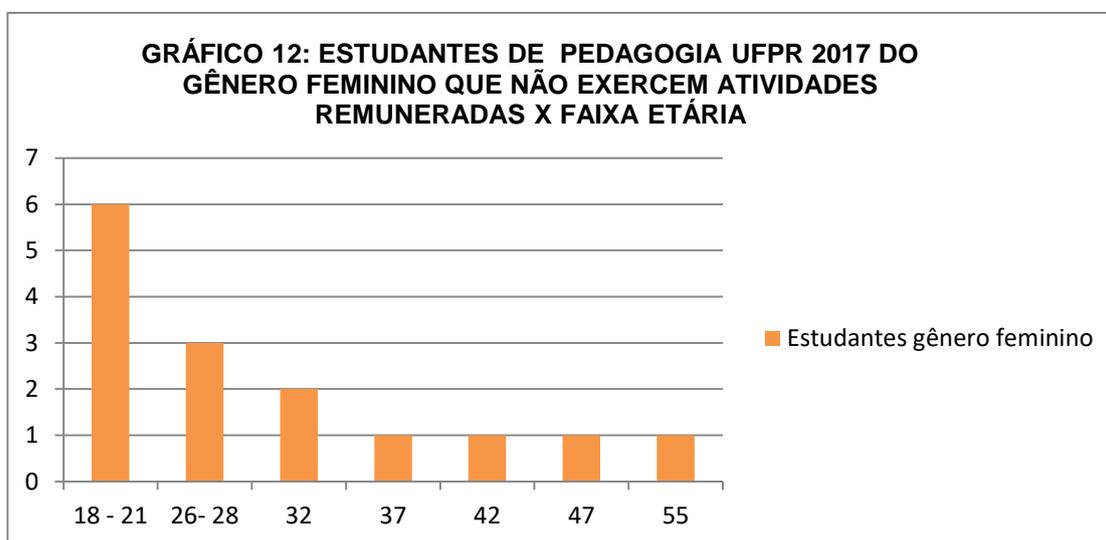
Assim, é possível inferir que uma parcela dos estudantes trabalha para sustento próprio e/ou familiar, enquanto os demais, que são sustentados pela família, trabalham por outros motivos. Sobre a composição familiar, três estudantes declararam que moram sozinhos, 42 declaram morar com os pais, 2 declaram morar com a mãe, 2 com a mãe e um irmão, 27 estudantes declaram morar com cônjuge, 2 estudantes declaram morar com amigos, 4 estudantes declararam morar com irmãos/irmãs, um estudante declarou morar com filhos e um estudante declarou morar com “Pais/ Filho/ avó/ irmão”. Portanto, dos estudantes que realizam atividade remunerada, a grande maioria mora com os pais.

Em relação aos estudantes que informaram não realizar atividades remuneradas, nota-se pelos quadros abaixo que a maioria é do gênero feminino, brancas e tem entre 19 e 21 anos.



FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

São 16 estudantes que não realizam nenhuma atividade remunerada - 7 são solteiras e 9 estão em união estável. Em relação à raça dessas estudantes, 11 se declararam brancas, 4 são pardas e uma estudante declarou-se preta. Sobre a faixa etária dessas alunas que não realizam atividade remunerada, é possível observar no gráfico abaixo:



FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

Portanto a grande maioria dessas alunas que não exercem atividade remunerada é jovem, pois se encontra na faixa etária dos 18 aos 21 anos.

3.2 ATIVIDADES NÃO-REMUNERADAS

No questionário, a pergunta 31 indagava os estudantes sobre quanto tempo dedicam às atividades não-remuneradas no espaço familiar (limpeza/ organização da casa, cuidado com os filhos). A maior dificuldade em organizar os dados resultou da forma como a pergunta e alternativas foram formuladas. Alguns responderam em uma escala de horas diária, outros semanal e outros, ainda, citaram as duas variantes.

Buscou-se levar em conta as atividades remuneradas e as não-remuneradas por entender que a combinação destas atividades associadas à outros aspectos, como raça, gênero, classe social e geração, pode ter maior ou menor impacto na qualidade de vida das pessoas e na forma como usam o tempo. Estudos na área de gênero têm salientado há décadas as diferenças entre trabalho realizado no espaço privado e trabalho realizado na esfera pública:

A tradicional divisão sexual do trabalho definiu distintos espaços de trabalho e diferenciou as atividades humanas em função do sexo. Sendo assim, as mulheres realizam, historicamente, a maior parte do trabalho doméstico e de cuidados – considerado, tradicionalmente, como “trabalho reprodutivo” –, pelo qual não recebem nem receberam remuneração. Os homens, pelo contrário, realizam, sob o mesmo mandato social, a maior parte do trabalho remunerado, considerado “produtivo”, que produz valor monetário no mercado (BARAJAS, 2016, p. 21).

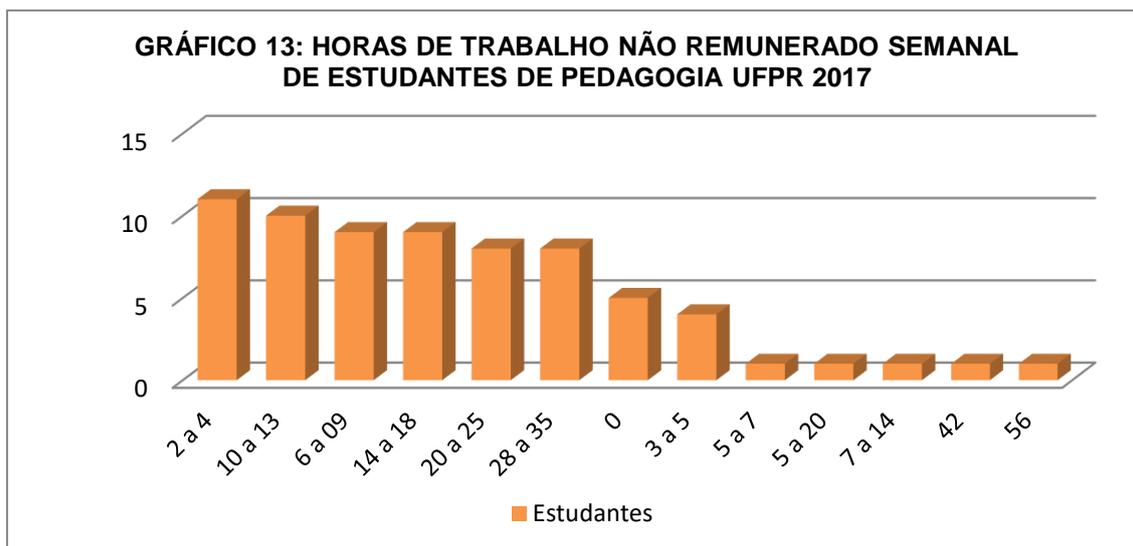
Porém, transformações de origem socioeconômica, cultural e social, e a atuação de movimentos como o feminista, no século XX, possibilitaram um afrouxamento nas fronteiras entre público e privado. Segundo Hirata e Kergoat (2007, p. 597), na França, em meados dos anos 1970, a percepção coletiva das mulheres sobre a própria condição no que tange ao trabalho não remunerado – grande dedicação de tempo a realização constante de uma grande massa de trabalho realizada para outros e invisibilizada – fez desta uma pauta muito discutida pelo movimento feminista. Surgiram muitos estudos a respeito desta forma de trabalho, com diferentes terminologias, que abriram caminho para se pensar na divisão sexual do trabalho. De fato, foi possível encontrar muitas publicações que tratam do trabalho não remunerado, relações de gênero, e uso do tempo:

Desigualdade de gênero e divisão sexual do trabalho são problemáticas presentes nas pesquisas sobre aspectos sociais há algumas décadas. Mas para além da natureza própria do trabalho de pesquisa que consiste em mapear, sistematizar, desvendar e interpretar dados, fenômenos e aspectos de relações sociais, os quais estão aqui também presentes, o que é sempre instigante e, de certa forma, preocupante é a lenta dinâmica das mudanças nos padrões de divisão do trabalho doméstico. As horas dedicadas às atividades de trabalho doméstico mudam pouco para as mulheres, quer elas trabalhem em atividades remuneradas em tempo integral, tempo parcial ou mesmo não desenvolvem atividades remuneradas (ARAUJO, 2016, p. 13-14).

Hoje em dia, as mulheres podem exercer trabalhos remunerados, estudar e ocupar posições que antes eram reservadas apenas aos homens. Porém, a igualdade de gênero não acompanhou todas essas transformações e, além de ter menores salários, de forma geral, e ocupar menos posições de chefia e liderança, as mulheres continuam dedicando mais horas ao trabalho não remunerado em comparação aos homens.

Embora este trabalho esteja direcionado às experiências discentes dos estudantes de Pedagogia da UFPR sem concentrar-se apenas nas estudantes do gênero feminino, devido a características do curso já mencionadas, considerar a questão do trabalho não remunerado a partir do recorte de gênero torna-se muito pertinente.

Ao analisar as respostas do questionário, do total, apenas 5 pessoas declararam não realizar nenhuma atividade em âmbito doméstico, enquanto 10 pessoas não souberam quantificar o tempo que dedicam a estas atividades e, expressões como *“Não sei mensurar o tempo”*, *“Todo o tempo fora o de estudo”* foram utilizadas como respostas. Neste sentido, foi interessante perceber que algumas pessoas foram precisas na forma de responder, enquanto outras demonstraram maior dificuldade. Entre as respostas, 23 pessoas não especificaram se a carga de trabalho informada era diária ou semanal, por isso, estas respostas não foram contabilizadas no gráfico abaixo, embora tenham informado desenvolver atividades não remuneradas:



FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

Como é possível notar, a maioria respondeu dedica de 2 a 4 horas semanais às atividades não remuneradas. Contudo, é grande o número de pessoas que dedicam entre 9 e 13 horas e até mesmo pessoas que dedicam mais tempo, até 56 horas semanais, a carga mais alta informada. Por limitações da metodologia, não é possível saber das particularidades da rotina de cada estudante, para entender a fundo quais questões individuais e estruturais influenciam nestas diferenças de carga horária.

Comparações com dados de outras pesquisas podem contribuir para a compreensão dos dados encontrados neste estudo, como na pesquisa citada por Barajas (2016, p. 37), que informou que a média de atividades não remuneradas das mulheres brasileiras em 2011 era de 20,1 horas semanais, enquanto dos homens era de 5. Já em relação às horas remuneradas, a média semanal das mulheres era de 33,8 e dos homens de 41,8. Assim, a média da carga total de trabalho (remunerado + não remunerado) era de 55,8 para as mulheres e de 46,8 para os homens. Estes dados não incluem outras atividades da rotina destas pessoas, como os estudos. Sobre as pesquisas disponíveis, é válido frisar que, embora existam muitos estudos,

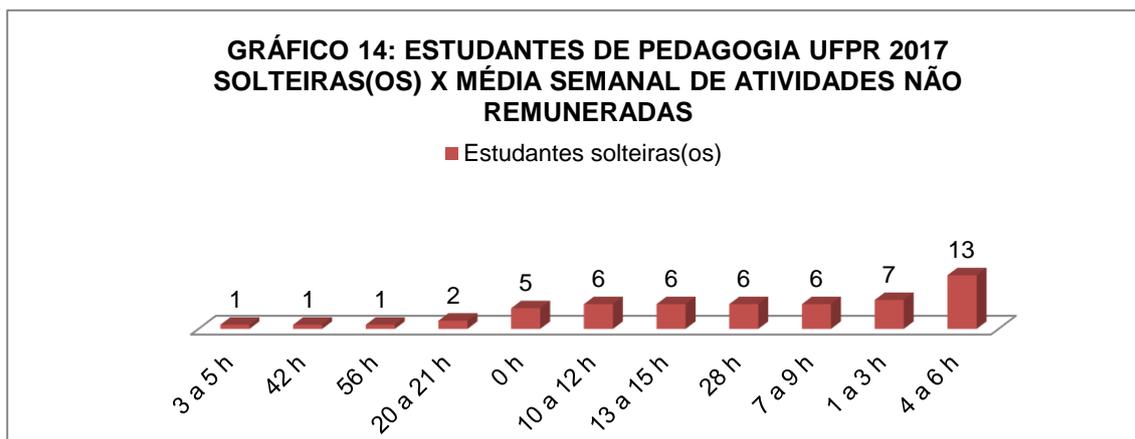
(...) No caso brasileiro, os estudos ainda podem ser considerados iniciais e bastante exploratórios. A inexistência de uma pesquisa específica, com periodicidade assegurada e cobertura nacional, que permita mensurar a forma como os indivíduos destinam seu tempo a diferentes atividades é, sem dúvida, uma das razões centrais para a pouca produção no país e para o pouco debate acadêmico e político sobre a questão. Hoje, o IBGE disponibiliza apenas três itens na PNAD, os quais permitem identificar de forma bastante agregada e estimada o tempo gasto pela população em trabalho no mercado,

afazeres domésticos e deslocamento casa-trabalho (PINHEIRO, 2016, p. 92).

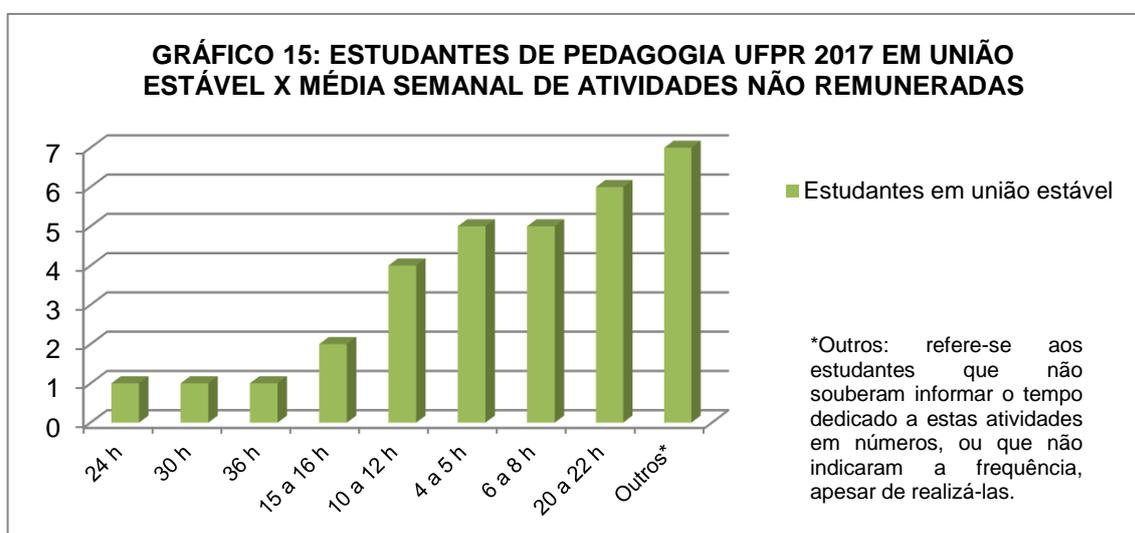
Quanto aos aspectos que podem influenciar sobre a quantidade de horas em atividades não remuneradas, embora existam diversas interpretações, Pinheiro (2016, p. 93) situa algumas análises que se mantêm nos estudos, de forma geral: quem possui mais recursos, inclusive financeiros, têm maior possibilidade de diminuir as horas de trabalho doméstico; a carga de atividade não remunerada aumenta de acordo com a disponibilidade, assim, quanto menos horas de trabalho remunerado, mais trabalho doméstico; o ciclo de vida do indivíduo, etc. Por isso, aspectos isolados não são suficientes para explicar as decisões individuais. Há também a influencia das relações de gênero estabelecidas na sociedade neste sentido, em que “a realização de trabalho reprodutivo tem a ver com a concretização de valores e convenções de gênero que associam a cada um dos sexos determinados comportamentos socialmente esperados.” (PINHEIRO, 2016, p. 93).

Considerando a complexidade do tema, este breve capítulo não tem a intenção de aprofundar-se na questão do trabalho reprodutivo. O que espera-se aqui é ter uma ideia do espaço que o trabalho não remunerado pode ocupar na rotina destes alunos/as, a fim de estabelecer relações com as diferentes experiências discentes. Tendo em mente que estas experiências não resultam apenas de escolhas dos alunos, mas também das condições de vida e contexto em que estão inseridos, os recortes e comparações aqui feitos podem contribuir para perceber alguns aspectos que não dependem da escolha dos estudantes.

Os quadros abaixo permitem comparar as horas de trabalho não remunerado dos estudantes solteiros e casados:



FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.



FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

Nota-se que entre os estudantes que participaram da pesquisa os solteiros dedicam menos horas de trabalho não remunerado semanalmente, embora uma parcela deles também tenha cargas altas deste tipo de trabalho.

Quanto aos estudantes trabalhadores/as, casadas/os e com filhos, que têm maiores probabilidade de serem os estudantes com maior carga de trabalho não remunerado, estão representados nas tabelas abaixo:

TABELA 1: ESTUDANTES DE PEDAGOGIA UFPR 2017 DO GÊNERO FEMININO EM UNIÃO ESTÁVEL E COM FILHOS

HORAS DE TRABALHO REMUNERADO POR SEMANA	HORAS DE TRABALHO NÃO REMUNERADO POR SEMANA
Menos de 20 horas/semanais	35 horas por semana
De 20 a 30 horas/semanais	4 horas por semana

	3 horas por semana
	3 horas por semana
	12 horas por semana
	21 horas por semana
	35 horas por semana
De 31 a 40 horas/semanais	10 horas por semana
	20 horas por semana

FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

TABELA 2: ESTUDANTES DE PEDAGOGIA UFPR 2017 DO GÊNERO MASCULINO, EM UNIÃO ESTÁVEL E COM FILHOS

HORAS DE TRABALHO REMUNERADO POR SEMANA	HORAS DE TRABALHO NÃO REMUNERADO POR SEMANA
De 31 a 40 horas/semanais	4 horas por semana
De 31 a 40 horas/semanais	2 horas por semana
De 31 a 40 horas/semanais	15 horas por semana

FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

Entre os estudantes que participaram da pesquisa, seguindo a tendência encontrada em outros estudos, as mulheres têm cargas de trabalho não-remunerado mais altas. Apesar da diferença no número de homens e mulheres com este perfil, a maioria das mulheres têm carga horária de trabalho remunerado menor que os homens.

Quanto aos estudantes solteiros(as) com filhos, os números são os seguintes:

TABELA 3: ESTUDANTES DE PEDAGOGIA UFPR 2017 DO GÊNERO FEMININO SOLTEIRAS E COM FILHOS

HORAS DE TRABALHO REMUNERADO POR SEMANA	HORAS DE TRABALHO NÃO REMUNERADO POR SEMANA
Menos de 20 horas/semanais	Trabalha, mas não soube quantificar
De 20 a 30 horas/semanais	8h horas por semana
	3 horas por semana
	Trabalha, mas não soube quantificar
De 31 a 40 horas/semanais	42 horas por semana
	6 horas por semana
	28 horas por semana

	28 horas por semana
	12 horas por semana

FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

TABELA 4: ESTUDANTES DE PEDAGOGIA UFPR 2017 DO GÊNERO MASCULINO SOLTEIROS E COM FILHOS

HORAS DE TRABALHO REMUNERADO POR SEMANA	HORAS DE TRABALHO NÃO REMUNERADO POR SEMANA
De 31 a 40 horas/semanais	2 horas por semana

FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

No caso das mulheres solteiras com filhos, as que têm mais horas de trabalho remunerado também são as que têm as maiores cargas de trabalho não remunerado, de forma geral. No caso dos homens, apenas um estudante se encaixa neste perfil. Apesar da carga horária de trabalho remunerado ser muito próxima entre mulheres e homens solteiros, o tempo de trabalho não remunerado é muito menor. Também foi possível perceber que, apesar de a maioria dos estudantes trabalharem até 30 horas semanais, entre as mulheres solteiras com filhos, a maioria trabalha de 31 a 40 horas semanais. Embora a maioria dos estudantes que responderam à pesquisa tenham se declarado como brancas(os), no subgrupo de trabalhadoras solteiras com filhos 3 se declaram pardas, 1 se declara negra e 5 se declaram brancas.

Por outro lado, entre as 5 pessoas que declararam não realizar nenhum trabalho não remunerado, há o seguinte perfil: são todas mulheres, com idades entre 19 e 28 anos; todas se declararam solteiras, embora uma delas tenha informado viver com o cônjuge (pode ser que ela tenha se considerado solteira por não ser casada legalmente, ou marcou a opção errada por engano); as outras vivem com os pais; apenas duas declararam que a renda individual é importante na renda familiar; duas pessoas participam de atividades de extensão na universidade; apenas duas acreditam que irão concluir o curso no tempo esperado; 4 se declaram brancas, 1 se declara negra.

Em relação ao tempo, o que foi possível observar, entre diversos aspectos, é que no curso de pedagogia da UFPR, os estudantes com maiores cargas horárias de trabalho não-remunerado têm perfis similares aos apontados em estudos que tratam da divisão sexual do trabalho, com maior carga horária para mulheres.

4 RELAÇÕES SOCIAIS DOS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DA UFPR

Os estudantes que responderam ao questionário do qual trata esta pesquisa, também responderam questões sobre o uso do tempo em relação às atividades sociais, físicas, religiosas e práticas de lazer que realizam no seu cotidiano. O interesse por essa temática do tempo livre e lazer é relativamente recente e vem crescendo nas últimas décadas, conforme relata Nodari, Rosa, Nascimento e Guerra (2016, p. 1): “pesquisadores têm se debruçado sobre questões que envolvem o tempo livre, a partir de diversas orientações e vertentes, interessados, principalmente, na forma como esse tempo se insere nas relações entre os indivíduos e grupos”.

O questionário trazia algumas perguntas que tratavam da importância do lazer na vida dos estudantes, as quais foram: Quanto tempo você dedica para atividades sociais? Quais atividades gostariam de praticar no tempo livre? Pratica alguma atividade física? Pratica alguma atividade religiosa?

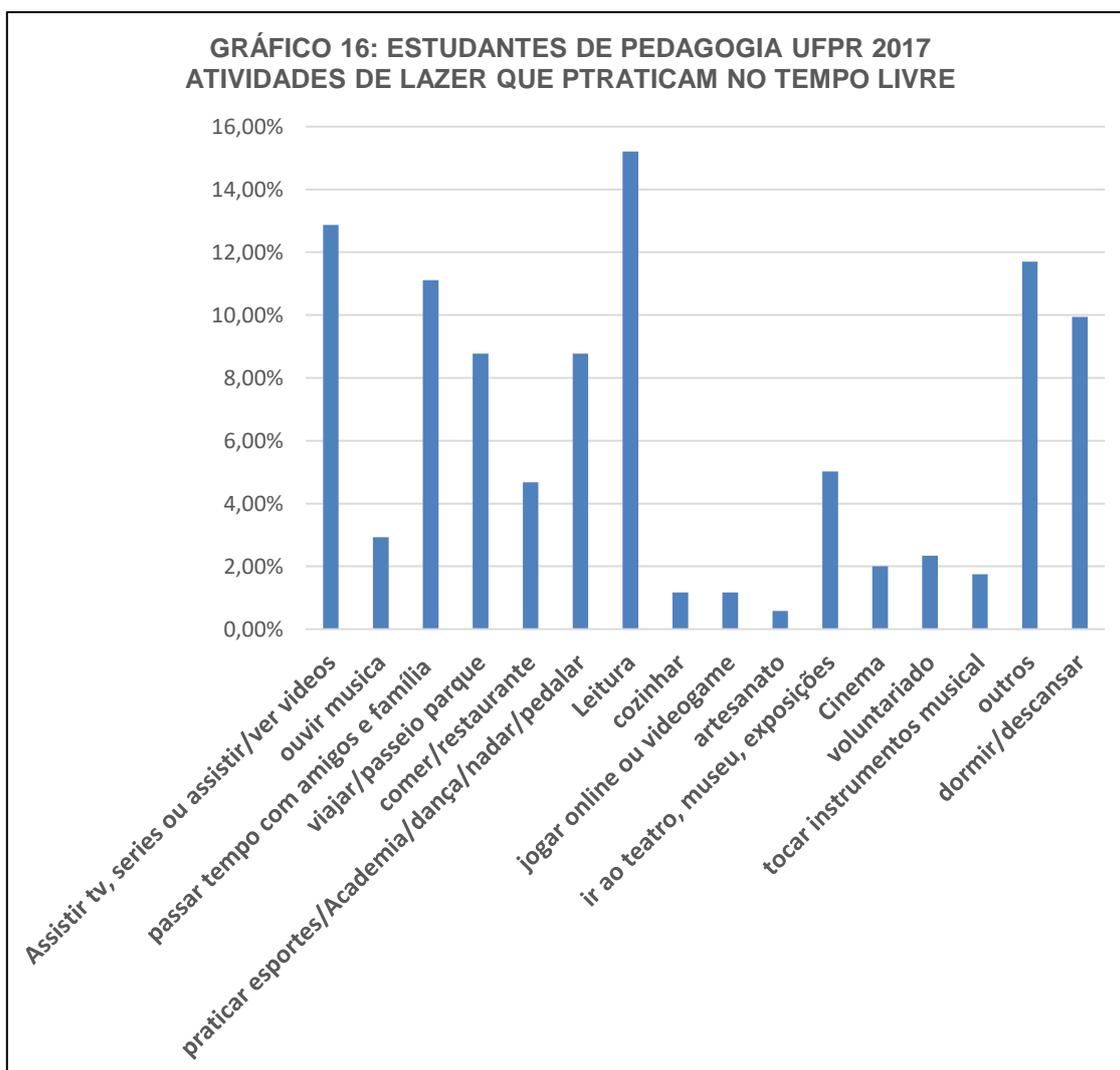
Tratar de questões que envolvam tempo livre e lazer dos estudantes é algo relativamente recente, pois, no Brasil, duas correntes teóricas têm exercido notável influência nos estudos a respeito da temática. A primeira é representada pelo Joffre Dumazedier (1973 apud NADORI et al., 2016), “o teórico define o lazer a partir da não obrigatoriedade das ações nele realizada e consideradas três funções básicas que caracterizam esse tempo: o descanso, a diversão e o desenvolvimento”. A outra perspectiva, na qual a referência principal é Norbert Elias,

O lazer como fenômeno fundamental para o viver social e ressaltam a busca pela excitação e o relativo descontrole das emoções como características principais que estão no cerne dessas atividades. Como maior clareza as relações existentes de lazer e tempo livre, sendo o tempo livre definido como o tempo liberado do trabalho ocupacional e o lazer, por sua vez, compreendendo as atividades de caráter recreativo que podem ser realizadas nesse período. (ELIAS; DUNNING, 1996 apud NADORI et al., 2016, p.1)

Sendo assim, como os estudantes utilizam o seu tempo livre e o tempo de lazer é muito importante, pois a partir dessa reflexão é possível desvendar o contexto em que estão inseridos, expectativa de vida, escolhas e também possíveis restrições, pois para Nunes, Pires e Azevedo (2014 p. 91) “as

atividades de lazer são definidas individualmente e recebem diversas influências sociais e culturais, e são guiadas no sentido da satisfação de necessidades pessoais e da obtenção de prazer”.

Em decorrência da importância da temática para a vida dos estudantes universitários e do uso do tempo, este aspecto foi abordado no questionário, mais especificamente na pergunta aberta número 40 (Quais atividades de lazer gosta praticar ou realizar no tempo livre?). Os estudantes responderam da seguinte maneira:



FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

A partir do gráfico podemos perceber que as atividades de lazer mais realizadas pelos estudantes são: leitura, com mais de 15,20% e assistir TV, assistir séries ou assistir vídeos com 12,87%. Esse resultado se aproxima da

pesquisa realizada por Nunes et al. (2014, p. 97) com estudantes de universidades de cursos variados, como Psicologia, Administração e Sistema de Informação, que responderam a um questionário sobre as práticas de lazer. Os resultados obtidos foram que “as atividades mais frequente[mente] mencionadas foram as de consumo de produções artísticas¹², as de cunho social e as de leitura e compreensão¹³”. Portanto os resultados obtidos com os estudantes de pedagogia da UFPR são parecidos com os desta outra pesquisa realizada com estudantes universitários, pois nas duas pesquisas os estudantes, em sua grande maioria, priorizam a leitura como a principal prática de lazer e a segunda opção mais realizada é assistir a produções artísticas.

Conforme o gráfico, a prática de lazer mais realizada no tempo livre pelos estudantes do curso de Pedagogia é a leitura. Desses estudantes, 80 % são solteiros e sem filhos. Nunes, Pires, Azevedo e Hutz indicam conclusões parecidas em suas pesquisas, informando que

Houve diferença estatisticamente significativas entre os universitários que possuíam filhos e os que não possuíam, tendo este último grupo indicado ter mais autonomia para a realização de atividades de lazer, porém não indicaram mais satisfação com a realização delas. Esse grupo também indicou como atividades de lazer mais importantes as sociais, físicas, de leitura e compreensão e românticas/sexuais, enquanto os que possuíam filhos apontaram como mais importantes os passeios como ir a parques shopping, praia ou locais com paisagem natural (ainda que o façam com baixa frequência). (NUNES et al., 2014, p. 100)

Portanto, para esses autores, o fato desses estudantes terem ou não filhos, não influencia na satisfação com o lazer, mas sim na escolha de atividades praticadas e valorizadas, assim como também no padrão de atividade realizada pelas pessoas casadas e pelas pessoas solteiras, em que os estudantes casados (as) preferem realizar atividades relacionadas como sair com a família e ir ao parque. Porém, os estudantes solteiros preferem atividades como leitura, assistir TV, sair com amigos e praticar esportes. Sendo assim, cada grupo tem uma preferência de atividade de lazer conforme suas relações sociais.

¹² Essas atividades são: Ver filmes ou seriados em casa, ir ao cinema, frequentar teatro, concerto, exposições, ouvir música etc.

¹³ Essas atividades são: Ler, produzir ideias discutir sobre temas e aprender algo novo – língua estrangeira, curso de graduação etc.

Outro ponto abordado no questionário foi saber quanto tempo esses estudantes dedicam para práticas de lazer, sendo assim, na pergunta aberta número 31 do questionário – Quanto tempo você dedica por dia ou por semana para atividades sociais (festas, cinemas, teatro e etc.)? –, foi categorizada da seguinte forma: de 1 a 3 horas por semana, de 4 a 6 horas por semana, de 7 a 10 horas por semana, mais de 10 horas por semana, nenhum tempo e outros¹⁴.

As estudantes responderam essa pergunta da seguinte maneira: de 1 a 3 horas por semana foram 13 estudantes; de 4 a 6 horas por semana, 18 estudantes; de 7 a 10 horas por semana, 6 estudantes; mais de 10 horas por semana, 22 estudantes; nenhum tempo por semana foram 28 estudantes; e 7 estudantes responderam de outras maneiras que não possíveis de mensurar em horas.

Já os alunos responderam da seguinte forma: de 1 a 3 horas por semana, dois estudantes; de 4 a 6 horas por semana, três estudantes; um estudante respondeu que não dedica nenhum tempo por semana para atividades sociais; e 5 estudantes responderam de outras maneiras que não é possível mensurar em horas.

Das 94 mulheres que responderam ao questionário, 28 delas não dedicam nenhum tempo para atividades sociais. Entre as possíveis motivações destas mulheres,

Um dos problemas que podemos chamar de dificuldade ao praticar lazer é a questão do tempo, ou seja, muitas pessoas não tem tempo como, por exemplo: uma pessoa que mora em uma cidade grande e trabalha a semana inteira, e aos finais de semana o que poderia ser um tempo para a prática do lazer, elas preferem trabalhar para assim aumentar a sua renda. E também existem aqueles indivíduos que trabalham a semana inteira, às vezes não tem tempo nem para ir almoçar em casa, almoçando na rua mesmo, chega em casa só toma um banho e já vai para a escola, faculdade ou curso técnico, fazendo isso a semana inteira chega no final de semana ele só quer dormir e descansar, e com isso não tem tempo para nada nem para o lazer, ficando restrito ao ambiente doméstico e isso é muito prejudicial para a sua qualidade de vida (MARCELINO, 2002 apud JÚNIOR; SFERRA; BOTTCHEER, 2012, p. 6).

Portanto, a rotina exaustiva com muitos afazeres e responsabilidades no trabalho, na universidade, com os filhos (cônjuge, mãe, avós, irmão) e

¹⁴ “Outros” contempla estudantes que não conseguem mensurar em horas o tempo dedicado para atividades sociais, bem como, alunos que não compreenderam a pergunta.

atividades dedicadas ao seu lar pode ser um dos motivos da falta de tempo para a realização de atividades de cunho social. Entre essas 28 alunas que declararam não dedicar nenhum tempo ao lazer, 23 dividem o seu tempo entre o trabalho e o estudo, com uma jornada de trabalho que varia entre menos de 20 horas semanais à mais de 40 horas semanais - sendo assim, três alunas trabalham menos de 20 horas semanais, 12 alunas trabalham entre 20 e 30 horas semanais, 6 alunas trabalham entre 31 à 40 horas semanais e duas alunas trabalham mais de 40 horas semanais. Portanto, essas estudantes desdobrarem suas rotinas diárias entre o estudo e o trabalho é uma das possíveis motivações que as levam a não dedicar nenhum tempo às atividades sociais, pois

(...) o sexo feminino é muito menos favorecido a praticar o lazer que o homem, às vezes pela rotina doméstica e também, por trabalhar fora, isso acontece muitas vezes pela sociedade ser muito machista. Às vezes não paramos para pensar na situação de muitas mulheres brasileiras que trabalham o dia inteiro em seus empregos tendo suas obrigações, e depois chegam em casa e tem que fazer comida, lavar roupa, limpar a casa, as vezes não percebemos o quanto isso pode ser estressante e prejudicial para a qualidade de vida, pois ela tem poucos momentos de lazer. (MARCELINO, 2002, apud, JÚNIOR et al., 2012, p. 6)

O fato dessas alunas não dedicarem nenhum tempo para atividades sociais pode estar relacionado à carga horária elevada de trabalho remunerado, ou muito tempo dedicado aos estudos ou, também, à carga horária elevada reservada para as atividades do lar e aos filhos. É possível ainda inferir que essas alunas não dedicam nenhum tempo para atividades sociais por questões financeiras, como afirmam algumas pesquisas.

Dessas 28 alunas, foi feita uma análise do perfil salarial - 23 alunas que afirmam trabalhar e também responderam que não tem nenhum tempo livre para se dedicar a atividades sociais. Entre essas alunas, 9 recebem até 1 salário mínimo; 13 de 1 a 3 salários mínimo; e uma de 3 a 6 salários mínimos. Sendo assim, muitas pesquisas afirmam que a prática de lazer está diretamente ligada à renda salarial que a pessoa recebe e, conseqüentemente, pode usufruir em atividades de divertimento e relaxamento nas horas em que não estão trabalhando e nem estudando. Como abordam Paglioto e Machado (2012, p. 705) em uma de suas pesquisas quando tratam do “consumo fora do

domicílio, é preciso destacar a relevância do custo de oportunidade relacionado ao tempo despendido para o consumo”. Em outra pesquisa, realizada na Universidade Federal de Viçosa (MG), que tinha como objetivo identificar e analisar as formas de lazer oferecidas e usufruídas por dois grupos distintos de universitários, foi possível concluir que

Essas atividades (teatro, academia e apresentações artísticas) possuem, na maioria das vezes, custos elevados se comparadas às outras atividades de lazer. Sendo assim, essa diferença de frequência entre os dois grupos pode ser explicada pela renda dos grupos, uma vez que mais da metade dos pós-graduandos tinham uma renda mensal entre 1001 e 1200 reais. Essa renda é muito superior à dos graduandos (entre 401 e 800 reais mensais), de modo que se pode concluir que os estudantes de pós-graduação têm mais acesso às atividades de lazer que requerem maior dispêndio. (OLIVEIRA et al., 2013, p. 16)

Portanto, alguns estudantes deixam de realizar determinadas atividades pelo custo elevado ou até mesmo por preferirem dar prioridade ao custeio de outras atividades que talvez não sejam relacionadas ao lazer. Entre essas 23 alunas que não têm tempo para práticas de atividades sociais e dividem o seu tempo entre estudo e trabalho, 21 responderam que sua renda é fonte importante no seu lar, demonstrando, assim, que pelo menos parte da renda adquirida com o seu trabalho é destinada às necessidades básicas, dificultando a oportunidade desses estudantes de realizar atividades sociais, pois, para alguns pesquisadores, o alto custo dessas atividades de lazer pode influenciar diretamente na rotina de alguns estudantes,

Deste modo, há uma alocação de tempo que poderia ser utilizada em outra atividade como a de trabalho para o mercado ou destinado a tarefas domésticas, configurando em custo de oportunidade medido pelo valor da renda por hora do espectador. Este custo de oportunidade tende a ser mais elevado para as famílias de renda mais alta, uma vez que a taxa de salário é mais elevada. (PAGLIOTO; MACHADO, 2012, p. 705-6)

Outro ponto que não foi contemplado nesta pesquisa, mas que pode ser um dos fatores que dificultam a essas alunas terem acesso às atividades sociais no seu cotidiano pode estar relacionada à localização geográfica da moradia dessas estudantes. Como relatam Dutra e Menezes

Outra questão é dificultar o acesso de pessoas de classe sociais menos favorecidas, uma vez que certos locais a demanda por transporte público é escassa ou inexistente e o custo de táxi se torna elevado. Esses locais se isolam em função das regras urbanísticas e tem como consequência o fato de tornar o seu acesso mais difícil excluindo assim determinados grupos sociais. (DUTRA; MENEZES, 2017, p. 67)

Desta forma, não é possível afirmar que esses são os motivos reais para essas alunas não praticarem nenhuma atividade social, visto que nem todas as motivações possíveis foram contempladas no questionário, porém são motivações similares às identificadas em outros grupos com perfis parecidos com os dessas alunas, no que se refere às dificuldades de acesso a atividades de lazer em suas rotinas.

O questionário abordou também questões sobre a prática de atividades físicas pelos estudantes de pedagogia da UFPR, que para alguns pesquisadores também é considerada uma atividade de lazer

No referencial centrado nas Ciências Biológicas, a atividade física de lazer pode ser compreendida como um meio para os sujeitos atingirem um melhor funcionamento fisiológico do corpo, a fim de alcançarem a sensação de bem-estar ou para se prevenirem de certas doenças. (SILVA et al., 2017, p. 58)

Portanto muitos estudantes utilizam a atividade física como um recurso para o bem-estar, saúde e socialização, porém, ainda muitos estudantes não conseguem praticar nenhum exercício físico na sua rotina diária. Sendo assim, dos estudantes que responderam ao questionário, 40,95% praticam algum tipo de atividade física, porém 59,05% não fazem nenhuma atividade física no seu dia-a-dia. Para alguns pesquisadores, como Oliveira, Gordia, Quadros e Campo, o fato de a maioria dos estudantes universitários não aderirem à prática de atividade física está relacionada à falta de tempo, devido

(...) à grande exigência a que os estudantes são impostos durante o período de graduação nas esferas do ensino, da pesquisa e da extensão, bem como de atividades laborais que muitas vezes são necessárias para a subsistência de universitário. (OLIVEIRA et al., 2014, p. 75)

Dos estudantes que responderam ao questionário do curso de Pedagogia da UFPR, foi revelado que 59 alunas e três alunos responderam

que não praticam nenhuma atividade física. Os autores Oliveira, Gordia, Quadros e Campo fizeram uma revisão de leitura sobre a atividade física de universitários brasileiros para compreender o Nível de Atividade Física (NAF) dos universitários e concluíram que

Não obstante, estudos demonstram que, com o passar dos anos de graduação, há uma tendência na diminuição no NAF dos universitários brasileiros. Fatores geralmente relacionados como barreiras para prática de atividades físicas são a falta de tempo, falta de interesse, a falta de oportunidade, os problemas de saúde, falta de dinheiro e a falta de local adequado. (OLIVEIRA et al., 2014, p. 74)

Portanto, os estudantes universitários abandonam paulatinamente a prática de atividades físicas e um dos fatores principais é a falta de tempo na rotina desses estudantes, contudo é interessante observar que entre os estudantes que responderam ao questionário, mais da metade dos homens realiza alguma atividade física. Já entre as mulheres percebemos que menos da metade realiza alguma atividade física no curso de pedagogia da UFPR. Foi justamente o encontrado pelos pesquisadores Oliveira, Gordia, Quadros e Campos (2014, p. 74) na Universidade Federal de Juiz de Fora (MG) em que “os homens universitários possuíam mais Nível de Atividade Física do que as mulheres universitárias”. Os mesmos pesquisadores verificaram na Universidade Federal de Santa Catarina que “os achados do estudo também demonstraram que mulheres e estudantes do turno noturno apresentavam maior risco de apresentar sedentarismo” (OLIVEIRA et al., 2014, p.74) e, esse resultado também foi encontrado nas respostas do questionário no curso de pedagogia da UFPR quando temos 62% das alunas que não praticam nenhuma atividade física, matriculadas no período noturno.

Para alguns autores uma das possibilidades que poderiam modificar a rotina desses estudantes que não encontram tempo no seu dia-a-dia para a realização de atividades físicas seria a construção de espaços dentro da universidade, possibilitando melhoras no bem-estar, saúde e socialização desses alunos, portanto

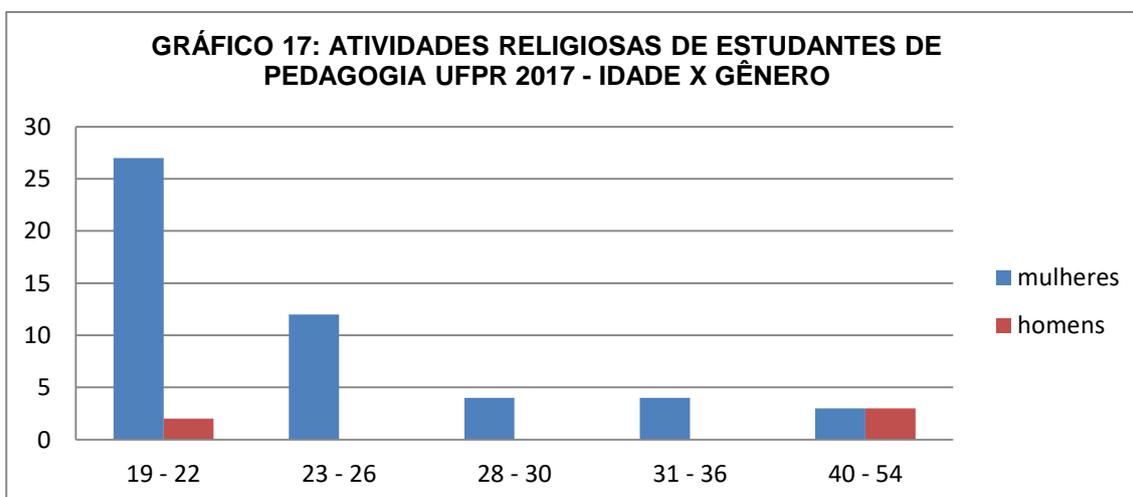
Poderiam ser construídos ambientes destinados para discentes dentro das universidades que possibilitassem a prática de atividade físicas, como academias, locais adequados à prática esportiva, de caminhadas e de corridas. Com a criação destes espaços seriam

minimizados os problemas de falta de tempo e falta de dinheiro, principais barreiras elencadas pelos universitários brasileiros para a prática de atividades físicas, pois o aluno não precisa se deslocar para outros locais, tampouco teria gastos para praticar estas atividades. Outras opções de atividades também poderiam ser ofertadas, como aulas de dança, ginástica, natação lutas, enfim, quanto maior for a diversidade de atividades oferecidas maior a chance de o aluno encontrar uma prática com a qual se identifique (OLIVEIRA et al., 2014, p. 76).

Para esses autores, a universidade pode se transformar em um espaço que vai além daquele que ele se destina, proporcionando também momentos de lazer para os estudantes, transformando e proporcionando novas experiências na rotina daqueles que declaram que não realizam atividades físicas.

Outro tema abordado no questionário destinado aos estudantes do curso de Pedagogia da UFPR foi relacionado à prática religiosa, na pergunta fechada de número 40 (Você pratica alguma atividade religiosa?): 53% dos estudantes responderam que praticam alguma atividade religiosa no seu tempo livre e 47% dos estudantes não realizam nenhuma atividade religiosa. Foi realizado um levantamento e identificou-se que poucas pesquisas abordam essa temática.

Dentre os estudantes do curso de pedagogia da UFPR que dedicam algum tempo da sua rotina para à prática de atividades religiosas, 34 são brancos (as), 13 são pardos (as) e quatro estudantes são pretos (as). No gráfico abaixo é possível observar a faixa etária dos estudantes que declararam realizar alguma atividade religiosa.



FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

Analisando o gráfico os estudantes que afirmam praticar atividade religiosa são em sua maioria estudantes jovens, entre 19 e 22 anos. Desses estudantes, 25 declaram morar com pais e irmãos, 20 com cônjuge e filhos, dois com amigos. Portanto a maioria desses estudantes que praticam atividades religiosas moram com os pais e irmãos. Esses dados podem ser justificados segundo o argumento de Knoblauch (2017, p. 903), que a partir de sua pesquisa com universitário sobre essa temática conclui que “Desse montante, 70,12% afirmam seguir a religião desde o nascimento”, pois alguns estudantes nascem em ambientes familiares que proporcionam essa prática e podem ou não dar sequência a essa religião ao longo de suas vidas.

À pergunta de número 40 (Quais atividades de lazer gosta praticar ou realizar no tempo livre?), alguns estudantes declararam espontaneamente preferir atividades religiosas, como declarou um dos estudantes nessa pergunta “*Descanso e vou a igreja*”, portanto essa atividade pode ser entendida como uma prática que demanda tempo na rotina desses estudantes. Como relatada em uma pesquisa que discutiu religião, formação docente e socialização de gênero de um grupo de alunas do curso de pedagogia em uma instituição do sul do país.

Em relação à frequência, a maior parte (36,36%) afirma frequentar as atividades proporcionadas por sua religião mais de uma vez por semana, sendo que 85,71% frequentam os rituais (missas, cultos etc.); 28,57%, o grupo de jovens; 23,37% trabalham com crianças na igreja; e 25,97% fazem trabalhos voluntários (assistência social, visitas a hospitais, trabalho com música na igreja, dentre outros). Tais dados indicam que a participação desses alunos em sua comunidade religiosa é relativamente ativa (KNOBLAUCH, 2017, p. 903).

Portanto, a prática de atividade religiosa pelos estudantes pode influenciar na sua rotina, bem como em suas prioridades e escolhas de organização de vida. As relações existem entre a religião e o tempo destinado para essa atividade pelos estudantes universitários é um tema que é pouco abordado pelos pesquisadores e caberiam outras investigações para maiores esclarecimentos a respeito dessa temática.

Sendo assim, a partir das análises apresentadas, os estudantes do curso de pedagogia da UFPR realizam inúmeras atividades, uns com mais disponibilidade de tempo livre para as práticas de lazer, outros com tempo mais

restrito e, com o pouco tempo livre de que dispõem, tentam administrar sua rotina, priorizando algumas atividades em especial, que podem ou não estar relacionadas com atividades de lazer.

Porém, ainda existem alguns estudantes que não dedicam nenhum tempo para realizar atividades de lazer em sua rotina, em decorrência da falta de tempo, pois necessitam priorizar os estudos, o trabalho, bem como, outras atividades que impedem essa socialização, que pode ser em decorrência de cuidados com filho e com o lar. Logo, encontramos estudantes com perfis muito diversificados, com gostos e prioridades distintas, pois cada estudante administra o seu tempo diário conforme suas necessidades e escolhas sociais.

5 TEMPO E RENDIMENTO ACADÊMICO

O rendimento acadêmico tem sido objeto de muitas pesquisas nas últimas décadas. Saber quais fatores podem implicar positiva ou negativamente no rendimento dos estudantes ou de que forma a articulação de diversos aspectos resulta em diferentes rendimentos é muito importante. Assim, este capítulo visa refletir sobre o uso do tempo como um destes.

Sendo um tema amplamente estudado, existem diversas possibilidades de abordagem e definições. As pesquisas podem analisar questões como a motivação dos alunos e os comportamentos associados (CARDOSO; BZUNEK, 2004; LOURENÇO; PAIVA, 2010; MARTINELLI, 2014), a vivência acadêmica e o rendimento escolar (SANTOS; ALMEIDA, 2001); a influência do autoconceito no rendimento escolar (PAIVA; LOURENÇO, 2011), entre outras. É possível encontrar, também, pesquisas que tratam das políticas educacionais e rendimento escolar (BAHIA, 2004), a relação entre professores e alunos como fator para motivação e melhor rendimento (KNÜPPE, 2006), ou ainda, pesquisas que tratam do fracasso escolar associando-o a diversos fatores, intrínsecos e extrínsecos ao estudante.

Não pretende-se focar neste capítulo sobre a definição de desempenho acadêmico, mas pensar de que forma o uso do tempo disponível interfere no desempenho do estudante, ou de que forma o estudante utiliza o tempo para realizar as atividades inerentes ao curso (leituras, atividades, estudos) e outras atividades oferecidas pela universidade que contribuem para a formação.

Granja (2012) organizou¹⁵ as características associadas com mais frequência ao sucesso e fracasso escolar, e cita as seguintes dimensões: (i) individual, que inclui o percurso escolar, desempenho escolar, dados sócio-econômicos, contatos pessoais e fatores psicológicos; (ii) pedagógica ou didática, que inclui interação professor-aluno, nível de atratividade do curso, ritmos de trabalho, organização curricular e transmissão de conhecimento; (iii) institucional, que se refere a equipamentos e serviços, condições de frequência, grau de integração e participação; e (iv) ambiental-externa, relativa à transição a um novo espaço de vida (a universidade) e a transição a um novo

¹⁵ A organização da autora é baseada nos estudos de Lourenço Mendes e Custódio Silva (2001) e Tania Correia (2003).

espaço geográfico (no caso de alunos que precisam mudar de cidade para estudar). Além disso, a autora cita o aspecto psicológico como fator que influencia no rendimento, uma vez que, “Na realidade, os estudos sobre a população discente universitária são relativamente poucos e recentes. Questões sobre a saúde emocional (psicológica) dos alunos são pouco abordadas” (GRANJA, 2012, p.56).

Assim, não sendo possível apreender todas estas questões a partir do questionário proposto para este estudo, as reflexões produzidas neste capítulo referem-se a questões do bloco 2 do questionário, que investigam principalmente os aspectos individuais – como o aluno organiza o tempo para estudos extra-classes, atividades desenvolvidas na universidade além do curso, cumprimento de estágio obrigatório, a dedicação a outros cursos fora da universidade, reprovação em disciplinas por falta de tempo e o IRA (Índice de Rendimento Acadêmico).

Sabe-se da fragilidade das notas enquanto medida de rendimento acadêmico, contudo, o IRA pode ser visto, ainda assim, como um valor que nos permite vislumbrar o desempenho destes estudantes. Interpretado em conjunto com as outras questões abordadas nos capítulos anteriores, espera-se ter uma imagem um pouco mais detalhada do rendimento acadêmico e uso do tempo destes estudantes. Portanto, a visão de desempenho acadêmico aqui presente leva em conta o aproveitamento do aluno não apenas em sala de aula, mas também a participação em outras instâncias da universidade – cursos, atividades extra-curriculares e tempo de estudo fora do horário de aula – relacionando estas questões ao uso do tempo pelo estudante. Análises similares a esta já indicaram que,

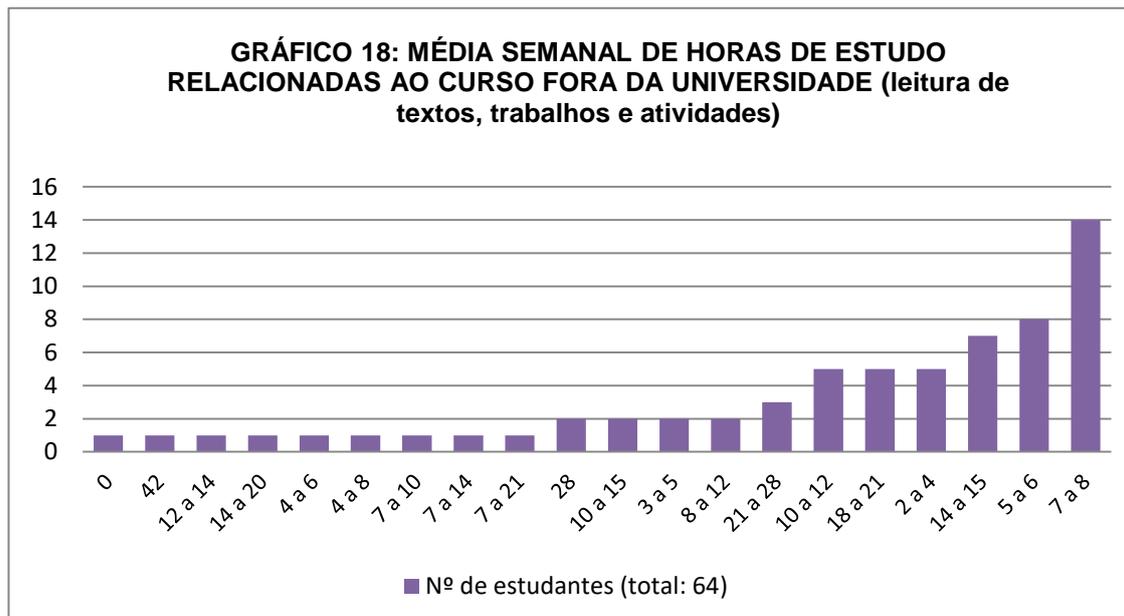
(...) os alunos, mesmo com poucas habilidades, mas que tiveram maiores oportunidades de tempo para a dedicação aos estudos, obtiveram melhor desempenho, o que se refletiu positivamente em suas notas escolares. O mesmo não pode ser verificado nos estudos de D'Ydewalie, Swerts e Corte (1983), que observaram que a atenção maior não deve recair sobre o tempo total de número de horas de estudos e sim na forma como o aluno distribui seu tempo parcial nas diferentes atividades de estudos. (...) Reforçando a idéia de que o tempo para o estudo extra-classe se faz necessário para garantir o desempenho acadêmico, embora com visão não conclusiva de quanto tempo é o "ideal" para os estudos extras, Souza (1993) conclui em sua pesquisa com alunos da Universidade Federal de Maringá que, em relação à dificuldade no desempenho acadêmico dos mesmos, dois são os fatores mais significativos: dificuldades

personais e falta de tempo para os estudos, apontados por 33,89% dos alunos pesquisados. (CARELLI, SANTOS, 1998, p. 2)

Dada a importância da leitura de textos no período extra-classe, uma das perguntas do questionário que se referia a esta prática foi “Quantas horas por dia ou semana você dedica para realizar atividades (trabalhos, leituras de textos) fora do espaço da universidade?” (questão 27). Optou-se por manter a pergunta aberta para que as pessoas pudessem calcular o uso do tempo por dia ou semana como preferissem. Das 105 respostas, no entanto, em 40 não foi possível identificar a referência de tempo (dia ou semana). Por outro lado, deixar a pergunta em aberto possibilitou perceber alguns aspectos que não seriam identificáveis a partir de uma questão com respostas fechadas. Por exemplo, um dos estudantes respondeu que estuda *“umas 7 horas Durante a semana, de madrugada. E mais 5-7 em finais de semana”*, outra pessoa respondeu que *“Aproximadamente 2 horas + tempo do onibus até a universidade (1h)”*. O questionário não abordou as estratégias de estudo ou mesmo um detalhamento da organização das horas e locais de estudo, mas respostas como esta reforçam a importância de analisar também estes variáveis.

Das 105 respostas, chegou-se ao seguinte resultado: apenas uma pessoa informou que não estuda; 64 pessoas informaram a carga de estudo e se a frequência é diária ou semanal; 32 pessoas, apesar de informarem o tempo de estudo, não especificaram se era uma carga diária ou semanal; 8 pessoas responderam de forma textual que estudam, sem informar uma carga horária.

O gráfico abaixo refere-se aos 64 estudantes que informaram a carga de estudo e a frequência (diária ou semanal). Optou-se por trabalhar com a média semanal, convertendo, assim, as respostas dadas em horas diárias em média semanal:



FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

É possível notar que a média semanal de horas de estudo mais expressiva é de 7 a 8 horas. Contudo, existem alguns alunos com médias de tempo consideravelmente mais altas que a média, chegando a 42 horas. Embora a maioria dos alunos que responderam à pesquisa acumulem tarefas além do estudo, com destaque para o trabalho remunerado, ainda conseguem dedicar tempo para os estudos, de forma geral. Porém, a metodologia utilizada neste estudo não permite perceber a qualidade destas horas de estudo, visto que diversos fatores podem influenciar neste quesito. Assim, a mesma carga de tempo não indica o mesmo aproveitamento do tempo:

TABELA 5: RESPOSTAS À QUESTÃO 27 DO QUESTIONÁRIO – TEMPO DE ESTUDO EXTRA-CLASSE

Quantas horas por dia ou semana você dedica para realizar atividades (trabalhos, leituras de textos) fora do espaço da universidade?	
1	<i>Quando possível no máximo uma hora.</i>
2	<i>Preciso de no mínimo umas 5 horas para começar a fazer as coisas e organizar o que precisa ser feito.. mas normalmente levo bem mais tempo para finalizar tudo.</i>
3	<i>Poucas, por falta de tempo</i>
4	<i>Muitas horas</i>

5	<i> finais de semana</i>
6	<i> Faço quando da tempo. Geralmente em grupo.</i>
7	<i> Faço quando da tempo</i>
8	<i> Depende da demanda de trabalhos.</i>
9	<i> Aproximadamente 2 horas + tempo do onibus até a universidade (1h)</i>
0	<i> (...) depende da ocasião</i>
10	<i> Geralmente pouco mais de 1h por dia, mais em situações emergenciais.</i>
11	<i> Somente finais de semana</i>
12	<i> Os finais de semana</i>
13	<i> (...) horário de almoço</i>

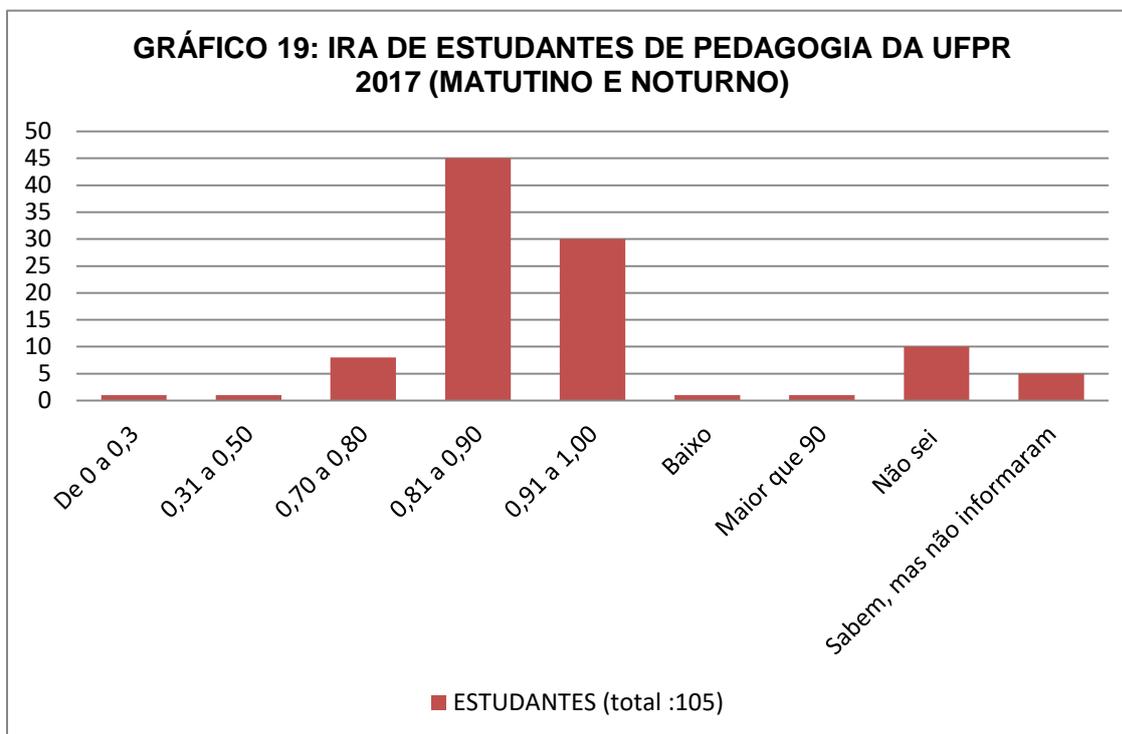
FONTE: Formulação das autoras a partir de questionário aplicado.

Em várias destas respostas os estudantes demonstram que o tempo para o estudo é condicionado pelas outras atividades que desenvolvem, pois estudam apenas “quando possível”, ou desenvolvem estratégias para conseguir encaixar o estudo em suas rotinas (trajeto de ônibus, horário de almoço, só nos finais de semana).

Sobre aproveitamento do tempo, a pessoa 2 informa que tem dificuldades para organizar-se, o que demanda mais tempo para executar as atividades propostas. Por outro lado, alguns declaram que o tempo de estudo é condicionado pela demanda de atividades da universidade. Não há como afirmar de forma categórica que quem estuda mais horas têm melhor rendimento, necessariamente. O aproveitamento do tempo de estudo envolve muitas questões subjetivas, que não foram informadas no questionário. Os dados e respostas suscitam, todavia, algumas questões interessantes para serem investigadas em outro momento.

Sobre o rendimento, considerando os diversos aspectos que foram levantados sobre este grupo de estudantes até este ponto – perfil socioeconômico, racial, gênero, hábitos culturais e de lazer – foi possível notar que os estudantes articulam-se entre muitas demandas e papéis que exigem muitas horas. Mas, afinal, estas atribuições interferem no rendimento acadêmico destes alunos? Abaixo está o gráfico que apresenta o IRA (Índice

de Rendimento Acadêmico dos Estudantes)¹⁶, com a média deste índice de todos os estudantes:



FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

Baseando-se em dados como o número de estudantes deste curso que trabalha com e sem remuneração, não seria de se espantar se o número de alunos com IRA abaixo de 0,7 fosse alto. Contudo, o que se percebe é que a maioria dos estudantes avaliados tem IRA entre 0,81 e 0,90, e um número considerável tem IRAs entre 0,91 e 1,00. Portanto, a maioria dos estudantes demonstrou um bom rendimento, apesar da rotina que enfrentam diariamente. Ainda, o número de estudantes com baixo rendimento no grupo avaliado (considere-se aqui, para efeitos de comparação, valores abaixo da média estabelecida pela instituição como critério de aprovação, ou seja, 7,00, como baixos) é muito pequeno.

¹⁶ De acordo com o site da UFPR, o IRA é calculado da seguinte forma: “A avaliação em todas as disciplinas se dará mediante notas e frequência. Estas notas serão agrupadas e acumuladas num cálculo de rendimento do seu desempenho, chamado de Índice de Rendimento Acumulado (IRA), cujo valor varia de 0 (zero) a 1 (um)”. Disponível em: <http://www.prograd.ufpr.br/portal/manualacademico/ira-indice-de-rendimento-acumulado/>. Acesso em 08 de novembro de 2017.

Visto que o cálculo do IRA leva em conta todo o percurso do estudante, uma suposição é que os alunos dos primeiros períodos, que ainda tiveram menos disciplinas cursadas, poderiam ter um IRA maior do que os estudantes dos últimos anos, que já teriam concluído um maior número de disciplinas (e teriam tido a possibilidade de já ter reprovado ou abandonado disciplinas, o que poderia interferir no cálculo). Assim, o que foi possível verificar é que, entre os estudantes do 1º e 2º períodos, os IRAs estavam todos entre 0,86 e 0,94. Por outro lado, os IRAs dos estudantes dos 9º a 10º variavam entre 0,76 a 0,97, o que mostra que, de fato, o tempo cursado pode acarretar diferenças sobre a nota.

A fim de perceber de que forma os valores informados podem variar entre os diferentes perfis, verificou-se o perfil dos estudantes com IRAs abaixo de 0,70: são três estudantes do gênero feminino, brancas, com a carga horário de trabalho remunerado entre 31 e 40 horas (acima da média do número total de estudantes, portanto), nenhuma está realizando atualmente o estágio obrigatório, têm idades entre 21 e 22 anos, duas vivem com os pais e uma é casada, nenhuma delas tem filhos. Portanto, o que poderia explicar, neste caso, os baixos índices? Na resposta sobre esta questão, uma delas explicou que o índice estava baixo porque *“Esse semestre, abaixo de 3 porque reprovei nas matérias semestres e o restante é anual” (sic)*. Nos três casos, um ponto em comum é o trabalho remunerado com carga horária elevada, o que poderia explicar, em parte, a dificuldade em manter as notas. Porém, seria interessante entrevistar estas pessoas para perceber quais aspectos individuais/subjetivos não foram apreendidos pelo instrumento de pesquisa utilizado e que podem explicar as dificuldades com o curso.

Entre os estudantes com os maiores IRAs (a partir de 0,91), 29 são pessoas do gênero feminino e uma do gênero masculino. Entre as estudantes do gênero feminino, encontrou-se o seguinte perfil: 24 declararam-se brancas, 2 pardas e 3 pretas; 12 delas têm entre 19 e 25, 2 têm entre 26 e 30 anos, 3 têm entre 34 e 36 anos, 3 têm entre 40 e 46 anos e 2 têm 51 anos; 22 realizam estágio obrigatório (17 pessoas fazem 8h/semana e 5 realizam 4h/semana); 8 delas têm filhos; 7 desenvolvem trabalho remunerado menos de 20h/semana, 12 trabalham de 20 a 30h/semana com remuneração e 3 tem carga horária de 31h a 40h. Quanto ao estudante do gênero masculino, declarou ser branco,

exerce entre 31h e 40h de trabalho remunerado por semana; não informou a carga de trabalho não remunerado, apenas que “Faço quando tenho louça para lavar” (sic), tem filho(s), desenvolve 4h/semana de estágio obrigatório e já tem uma graduação.

Assim, quando compara-se o perfil entre os estudantes com as menores e maiores notas, é possível notar que no primeiro grupo (menores notas), todas as estudantes trabalham entre 31 e 40 horas por semana, enquanto no segundo grupo (maiores notas), a minoria tem esta mesma carga de trabalho. A maioria das que têm os maiores índices trabalham até 30 horas por semana, com destaque para um número significativo de alunas que trabalham até 20h.

No entanto, ao mesmo tempo é possível perceber que nenhum fator, isoladamente, pode explicar o bom desempenho dos estudantes. Enquanto as alunas com os índices mais baixos não têm filhos, entre as mulheres com os índices mais altos, 8 delas têm filhos, as 8 realizam estágio obrigatório, trabalhos remunerados e não remunerados - apenas uma delas trabalha mais de 30 horas por semana.

Outra comparação possível, refere-se ao tempo de dedicação aos estudos e o IRA. Assim, optou-se por comparar o grupo de estudantes que informou estudar entre 18 e 42 horas, bem acima da média, com o grupo que informou estudar de 0 a 6 horas, abaixo da média. O perfil dos alunos(as) destes grupos é o seguinte:

TABELA 6: PERFIL DO GRUPO 1 – ESTUDANTES COM CARGA DE ESTUDO EXTRA-CLASSE DE 18 A 42 HORAS POR SEMANA

	FAIXA ETÁRIA	ESTADO CIVIL	TRABALHO REMUNERADO SEMANAL	PARTICIPAÇÃO EM PROJETOS DE EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE	REPROVOU OU TEM ALGUMA DISCIPLINA PENDENTE?
MATUTINO	Entre 20 e 23 - 6; 25 anos - 1 pessoas 28 anos - 1 pessoa	Solteiras(os): 6 União estável: 2	Não trabalha(m) - 2; Menos de 20 h/semana - 2 Entre 20 e 30 h/semana - 4	4 pessoas participam	Sim: 2 Não: 6
NOTURNO	Entre 20 e 22 anos - 2 p. 27 anos - 1 pessoa; 40 anos - 1 pessoa; 37 anos - 2 pessoas.	Solteiras(os): 3 União estável: 3	Não trabalha(m) - 2; Entre 20 e 30 h/semana – 1; Entre 31 e 40 h/semana – 4; Mais de 40 h/semana: 1	3 pessoas participam	Sim: 2 Não: 4

FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

TABELA 7: PERFIL DO GRUPO 2 – ESTUDANTES COM CARGA DE ESTUDO EXTRA-CLASSE DE 0 A 6 HORAS POR SEMANA

	FAIXA ETÁRIA	ESTADO CIVIL	TRABALHO REMUNERADO SEMANAL	PARTICIPAÇÃO EM PROJETOS DE EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE	REPROVOU OU TEM ALGUMA DISCIPLINA PENDENTE?
MATUTINO	Entre 19 e 24 - 9; Entre 31 e 32 - 2; 38 anos - 1; 55 anos - 1; Não informou idade - 1	Solteiras(os): 12 União estável: 1	Não trabalha(m) - 3; Menos de 20 h/semana - 3; Entre 20 e 30 h/semana - 6; Entre 31 e 40 h/semana - 1	3 pessoas participam	Sim: 3 Não: 11
NOTURNO	Entre 19 e 22 anos - 5 Entre 25 e 27 anos - 5; Entre 28 e 29 - 3; Entre 32 e 33 anos - 3; Entre 35 e 38 anos - 4; 40 anos - 1; 48 anos - 1; Não informaram a idade: 2 pessoas.	Solteiras(os): 13 União estável: 10	Não trabalha(m) - 5; Entre 20 e 30 h/semana - 10; Entre 31 e 40 h/semana - 6; Mais de 40 h/semana - 2	9 pessoas participam	Sim: 8 Não:

FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

TABELA 8: IRA DO GRUPO 1 – ESTUDANTES COM CARGA DE ESTUDO EXTRA-CLASSE DE 18 A 42 HORAS POR SEMANA

Manhã	0,74	0,94	0,86	0,88	0,86	0,96	0,93	0,85
Noite	0,93	0,75	0,80	Não sei	Maior que 90	0,93		

FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

TABELA 9: IRA DO GRUPO 2 – ESTUDANTES COM CARGA DE ESTUDO EXTRA-CLASSE DE 0 A 6 HORAS.

Manhã	0,83	0,85	0,87	0,92	0,94	0,88	0,87	0,76	0,84	0,92	Não sabe(m): 3 pessoas						
Noite	0,81	0,81	0,85	0,85	0,85	0,87	0,89	0,91	0,92	0,96	0,46	0,80	0,85	0,87	0,90	0,9	não sabe(m) : 7

FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

De forma geral, quando comparam-se as notas dos dois grupos (mais e menos horas de estudo), não existem grandes diferenças - nos dois grupos a maioria dos estudantes tem IRAs acima da média de 0,7. Porém, ao comparar os estudantes do período noturno e matutino, a carga horária de trabalho

remunerado é maior entre os estudantes do noturno nos dois grupos. Ainda, no primeiro grupo (18 a 42h de estudos), existem mais estudantes no matutino com este perfil do que no noturno. Por outro lado, quando se trata do segundo grupo (0 a 6h de estudos), o número de estudantes do noturno é bem maior. É possível que a carga de trabalho possa estar associada às notas ligeiramente mais baixas dos estudantes do noturno.

Contudo, chama atenção o número de alunos com IRA maior que 0,91 no período noturno que estuda menos horas que o primeiro grupo.

As respostas à pergunta 42 do questionário (Você acredita que o tempo que você dedica para a universidade é o suficiente para realizar todas as atividades solicitadas? Por quê?) podem dar alguma ideia destas dificuldades que os estudantes têm para conseguir dedicar-se aos estudos e outras tarefas:

TABELA 10: RESPOSTAS A PERGUNTA 42 - ESTUDANTES COM CARGA DE ESTUDO EXTRA-CLASSE DE 18 A 42 HORAS POR SEMANA

42- Você acredita que o tempo que você dedica para a universidade é o suficiente para realizar todas as atividades solicitadas? Por quê?		IRA	
MATUTINO	1	<i>mais ou menos</i>	0,74
	2	<i>Não, pois não consigo realizar todas as atividades propostas. Preciso conciliar o tempo com minhas atividades domésticas e de trabalho</i>	0,94
	3	<i>sim, tendo em vista que por enquanto me dedico somente a isso, porém mesmo tendo o tempo, a quantidade de atividades/trabalhos/provas deixam um cansaço absurdo</i>	0,86
	4	<i>Não. Porque a aprendizagem exige uma leitura mais apurada e as vezes com a falta de tempo acabo fazendo a leitura "dinâmica", além de não poder ler mais coisas fora o que é solicitado pelos professores.</i>	0,88
	5	<i>sim, porque organizo bem minha rotina e tenho uma família que fornece toda estrutura para que eu possa me dedicar aos estudos e ao trabalho. Mas compreendo que isso é um privilégio, pois não tenho que sustentar uma família, por exemplo, nem vivo nenhuma situação adversa.</i>	0,86
	6	<i>Não. Porque preciso me dedicar a outras tarefas também, nem sempre da tempo de fazer tudo sem se sentir sobrecarregada.</i>	9,6
	7	<i>Sim, mas preciso planejar com antecedência uma rotina de estudos para que não haja atrasos. Com planejamento, mantenho tudo em dia.</i>	0,93
	8	<i>Não respondeu</i>	0,85
NOTURNO	9	<i>Não. Porque não consigo dar conta de tudo, ler todos os textos com qualidade, sempre falta tempo para realizar as demandas da faculdade e bate o desespero, ansiedade, tristeza.</i>	0,93
	10	NÃO. POIS ESTOU SEMPRE COM ATIVIDADES ATRASADAS OU DEFASADAS	0,75
	11	<i>Não respondeu</i>	0,80
	12	<i>Não. Pois muito deve tempo não é o suficiente para realizar as leituras necessárias do curso.</i>	Não sei

13	<i>Sim, é corrido mas dá</i>	Maior que 90
14	<i>Não, eu na verdade gostaria de ter mais tempo para viver a universidade, pois todo tempo é pouco em se tratando de conhecimento. Gostaria por exemplo de não ter que produzir o artigo referente ao estágio obrigatório junto com o tcc, a gente não consegue dar tudo de si em nenhum pois ficamos sobrecarregadas.</i>	0,93

FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

TABELA 11: RESPOSTAS A PERGUNTA 42 - ESTUDANTES COM CARGA DE ESTUDO EXTRA-CLASSE DE 0 A 6 HORAS POR SEMANA

42- Você acredita que o tempo que você dedica para a universidade é o suficiente para realizar todas as atividades solicitadas? Por quê?		IRA	
MATUTINO	1	<i>Não, deveria me dedicar mais</i>	0,83
	2	<i>Não</i>	0,85
	3	<i>Não. Pois tenho consciência de que deveria estudar mais e ler mais, mas o estágio não obrigatório consome grande parte do tempo ao longo do dia. Por este motivo deixo de ler muitos textos solicitado pelos professores durante a semana</i>	0,87
	4	<i>Não, porque juntamente com o trabalho falta tempo para realizar as atividades, ou para realizá-las de forma satisfatória, realizando todas as leituras e se aprofundando mais nos conteúdos.</i>	0,92
	5	<i>Sim, porque devido a subtração de outras atividades pessoais, o tempo utilizado é somente para a Universidade e assim, maior parte ou todas as atividades são realizadas em período hábil</i>	0,94
	6	<i>Sim</i>	88
	7	<i>Não, estou com atividades atrasadas.</i>	0,87
	8	<i>não, acho que precisaria me esforçar mais</i>	0,76
	9	<i>Não. Porque muita das vezes eu não consigo absorver os conceitos, matérias e outros como gostaria.</i>	0,84
	10	<i>Não, porque não dou conta de tudo</i>	0,92
	11	<i>Não. Deveria dedicar mais.</i>	Não
	12	<i>Não, sinto que perco algumas coisas.</i>	Não sei
	13	<i>Não, porque para que fosse mais bem feito e eficiente eu precisaria viver em função da faculdade. Muita coisa é feita/estudada só momentaneamente, o conteúdo não é propriamente aprendido.</i>	Não sei
	14	<i>Não. Outras atividades limitam esse tempo.</i>	0,81
	15	<i>Não, a carga de leitura é muito alta, alcançando tranquilamente 200 paginas por semana, além dos trabalhos e provas. Devido ao fato de conciliar isso com uma carga grande de trabalho e muitas horas de hora-atividade em casa, não consigo cumprir com tudo por ter apenas os finais de semana.</i>	0,81
	16	<i>Não, por que antes eu trabalhava muito e agora estou em busca de emprego</i>	0,85
	17	<i>não, precisaria me dedicar mais, realizando as leituras e as demais atividades.</i>	0,85
	18	<i>Não, porque a demanda de cobrança por parte dos professores é alta</i>	0,85
	19	<i>Na maioria das vezes, sim. Pois, consigo fazer os trabalhos e provas e compreender o conteúdo.</i>	0,87
	20	<i>Depende do rigor de cada professor.</i>	0,89

NOTURNO	21	Não.	0,91
	22	Não, porque meu tempo de trabalho é muito extenso pra quantidades de trabalhos para realizar	9,2
	23	Não, gostaria de ter mais tempo para estudar.	96
	24	não, não dá tempo	0,46
	25	dou conta meio nas coxas às vezes. mas vou terminar em tempo.	0,80
	26	Não. Porque vivo correndo atrás do prejuízo, deixando as atividades se acumularem, depois passo madrugadas acordada para conseguir entregar no prazo solicitado, isso quando não me obrigo a pedir mais prazo.	0,85
	27	Não, sendo mãe, esposa, dona de casa e estudante está bem difícil dar conta de tudo.	0,87
	28	Nao. Pq é muita coisa	0,90
	29	Não. São muitas atividades em relação ao tempo que tenho livre para fazer tudo.	0,91
	30	Não.. acredito que falta mais comprometimento	Não informado
	31	nao. falta tempo	Não informado
	32	não, por conta do trabalho	Não informado
	33	Não , porque sempre finalizo trabalhos e estudo para provas de última hora	Não sei
	34	Não, pois precisasse de mais tempo no dia para realizar todas.	Não sei
	35	Não, pois conciliar a vida intra e extra universidade está complicado	Não sei
	36	Não, porque tenho muitas tarefas fora da universidade.	Não sei

FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

Estas respostas mostram que um número menor de pessoas considera que o tempo que têm é suficiente para realizar as atividades da universidade – no primeiro grupo foram 3 pessoas no período matutino e 1 no noturno, enquanto no segundo grupo, foram 2 pessoas no período matutino e 1 no noturno. Ainda assim, entre estas pessoas, algumas fazem ressalvas sobre o cansaço para dar conta, outras indicam a necessidade de abrir mão de outras atividades, outras falam de planejamento e uma pessoa reconhece sua situação como um privilégio (pessoa 5 do grupo 1). Quanto aos que responderam não, aparecem diversos motivos, como estudantes que falam do excesso de trabalho que compete com os estudos, estudantes que reafirmam o que já foi abordado neste estudo em relação ao excesso de papéis e tarefas (“Não, sendo mãe, esposa, dona de casa e estudante está bem difícil dar conta de tudo”), os que relacionam a dificuldade à universidade (“Não, porque a demanda de cobrança por parte dos professores é alta”), e aqueles que creditam a dificuldade à própria falta de comprometimento ou dedicação. Esta

última fala foi mais presente nas respostas dos alunos do grupo 2 (0 a 6h de estudo).

Assim, existem questões extrínsecas aos alunos, que impactam em diferenças entre os estudantes, por outro lado, existem questões individuais, que também levam às diferenças entre os resultados dos estudantes. Sobre a gestão do tempo, como os próprios estudantes sugerem em suas respostas, a organização e planejamento são fatores importantes para o bom rendimento acadêmico. Contudo, estes hábitos também podem ser construídos e ensinados e, portanto, também podem estar relacionados ao contexto familiar e percurso escolar do estudante anterior à universidade:

Considerando a força do capital cultural da família como um influenciador de caminhos de seus filhos, independentemente das medidas tomadas pelas universidades, tal tema é e será pertinente em estudos que tratam do acesso e permanência na universidade (...). A noção de capital cultural emerge, primeiramente, segundo Bordieu e Passeron (1998), como uma hipótese que possa explicitar a desigualdade de desempenho escolar nas diferentes classes e também o modo como as especificidades da reprodução cultural operam dentro da escola. Esses autores correlacionaram uma série de fatores extraescolares (econômicos e culturais) que acabavam interferindo no desempenho e no aproveitamento estudantil. (OLIVEIRA; SILVA, 2010, p.25)

As dificuldades em organizar o tempo são percebidas também em outras instituições e, por isso, estratégias têm sido desenvolvidas pelas universidades para auxiliar os estudantes em suas dificuldades com a vida acadêmica e organização. Oliveira, Carlotto e Teixeira (2016) relatam a experiência de desenvolver oficinas de gestão de tempo com alunos de uma universidade do Rio Grande do Sul. Em Santa Catarina, na UFSC, professores também organizaram oficinas para alunos do REUNI após perceberem dificuldades de organização como um dos motivos do baixo rendimento de estudantes, e a organização do tempo era um dos temas abordados (BASSO et al., 2013).

Até este ponto, refletiu-se sobre o tempo dedicado pelo aluno às atividades extra-classe. Porém, como já foi dito em outros pontos, a universidade vai além da sala de aula e outros aspectos contribuem para a formação do estudante:

O tempo investido no trabalho como forma de sobrevivência impõe, em vários casos, limites acadêmicos, como na participação em

encontros organizados no interior ou fora da universidade, nos trabalhos coletivos com os colegas, nas festas organizadas pela turma, entre outras circunstâncias. Vários estudantes se sentem à margem de muitas atividades mais diretamente relacionadas ao que se poderia chamar investimentos na formação (congresso, conferências, material de apoio). (ZAGO, 2014, p. 235)

O tempo direcionado para a participação em cursos ofertados pela universidade, eventos, atividades de extensão e atividades relativas à universidade, além de qualificar o estudante em formação, pode integrá-lo à cultura acadêmica, o que contribui para que adquira familiaridade com outros aspectos que podem contribuir para a formação e que dependem de outro tipo de envolvimento com a universidade e com os sujeitos que lá estão. Neste sentido, haviam duas perguntas no questionário que se referiam a atividades de extensão na universidade e a outros cursos. Do total de alunos que responderam ao questionário (105), relata-se que: 35 participam de alguma atividade de extensão da universidade, destes 35, 7 também fazem outros cursos (4 deles fazem curso de língua estrangeira, uma faz pós, uma faz auto-escola e outra pessoa não informou), entre estes 7 que fazem atividades de extensão e cursos, 5 são solteiros e vivem com os pais e 2 são casados. Entre os 68 estudantes que não realizam atividades de extensão na universidade, 14 deles fazem outros cursos (uma estudante tem carga semanal de 20h com curso de teatro, 3 fazem cursos ocasionais ofertados pelas empresas em que trabalham, uma faz cursos de fotografia e dança, um de sonoplastia e edição de vídeos, 2 fazem cursos de línguas, uma faz pós-graduação e os outros não informaram), entre estes 14 estudantes, apenas três são casados/união estável.

Quanto à renda familiar mensal dos 14 que fazem cursos, mas não estão em projetos de extensão: uma pessoa tem renda familiar até 1 salário mínimo, 9 pessoas entre 3 e 6 salários mínimos e 4 mais de 9 salários mínimos. No grupo que acumula atividades de extensão e cursos, a renda média das famílias destes estudantes é: 3 estão na faixa de 1 a 3 salários mínimos, 2 na faixa de 3 a 6 salários mínimos, 1 pessoa entre 6 e 9 salários e 1 mais de 9 salários mínimos.

Entre o primeiro subgrupo (atividades de extensão + cursos), todas são pessoas do gênero feminino, sendo 6 brancas e 1 negra. Duas delas trabalham

até 20 horas por semana, 3 trabalham entre 20 e 30 horas por semana, 1 pessoa entre 31 e 40 horas por semana e 1 mais de 40 horas.

No subgrupo 2 (cursos), 11 estudantes são do gênero feminino, sendo 3 pardas e 8 brancas, e 3 são do gênero masculino, sendo que 2 se declaram pardos e 1 declarou-se como árabe. Quatro pessoas não trabalham com remuneração, 3 trabalham entre 20 e 30 horas por semana, 4 de 31 a 40 horas por semana, 1 pessoa trabalha de 31 a 48 horas por semana e 2 trabalham mais de 40 horas por semana.

À questão 39 (Se você tivesse mais tempo para realizar outras atividades na universidade, quais gostaria de fazer?) as respostas daqueles que ainda não realizam foi: das 68 respostas, a maioria citou atividades relacionadas à pesquisa e projetos de extensão, com termos relacionados a este tipo de atividade aparecendo em torno de 25 vezes; outra atividade citada foi a inscrição em outras disciplinas (eletivas, optativas, de outros cursos, etc), aparecendo 17 vezes; cursos de línguas estrangeiras foram citados 11 vezes; 2 pessoas falaram em atividades físicas, outras citaram a vontade de fazer intercâmbio ou de *“dormir”*. Uma das pessoas respondeu que *“Há várias possibilidades de cursos e estágio que me interessam, mas nem cogito a possibilidade, pois dependo do meu salário paa me manter, inclusive, é ele que possibilita estudar, haja vista que mesmo o curso gratuito acaba gerando despesas com material, deslocamento, alimentação entre outros”* (sic). Outra pessoa respondeu sobre a vontade de *“explorar mais a biblioteca”*. Algumas das respostas reforçam a percepção de que, para alguns alunos, devido à rotina, a universidade acaba por se restringir às aulas, uma vez que mesmo a biblioteca é vista como uma possibilidade associada a tempo extra por alguns.

As respostas à pergunta 38 do questionário também reforçam a ideia de que o uso do tempo é um fator de grande importância para o desempenho acadêmico. A questão citada perguntava “Para você, qual é a maior dificuldade em articular o tempo de que dispõe entre as diversas atividades que realiza e a universidade?” Para fins de análise, as respostas foram classificadas em 4 subgrupos, a partir dos seguintes critérios:

1. Fatores externos: respostas que citavam fatores que não dependem do estudante;

2. Fatores individuais: respostas que remetem às características pessoais e dificuldades pessoais em lidar com as demandas que aparecem;
3. Fatores institucionais: respostas que citaram a universidade como causa da dificuldade, ou ainda professores e exigências acadêmicas;
4. Fatores relativos ao tempo e outros: respostas associadas à falta de tempo mas sem associar a dificuldades de organização ou excesso de tarefas, e/ou outros fatores.

Alguns estudantes sugerem dificuldades que se associam a mais de uma destas classificações e dois estudantes não sentem nenhuma dificuldade.

Dificuldades associadas apenas a fatores externos (1), apareceram apenas 2 vezes, sendo que um dos estudantes diz que a dificuldade maior é *“encontrar um espaço adequado”*.

Já aos fatores individuais (2), foram associadas 23 respostas, em que aparecem com mais frequência termos e respostas como *“preguiça”* ou falta de disposição, dificuldades de organização (de tarefas, rotina, tempo), dificuldades de manter o foco e de estar cedo na universidade.

As 20 respostas classificadas como *“institucionais”* (3) referem-se a questões como: muitos trabalhos são solicitados no mesmo período, *“As coisas acontecerem no mesmo horário sem opção de troca”*, exigência de muitas leituras (uma das questões mais citadas), *“Trabalhos e envio de textos em cima da hora”*, *“as atividades da faculdade não são muito interessantes. por exemplo: ler textos para aulas em que os professores lerão os mesmos textos novamente. prefiro não ler e esperar para ler quando tiver um trabalho ou prova. gasto o meu tempo realizando tarefas do dia a dia”* (sic), críticas à organização da universidade.

As 18 respostas do subgrupo 4 (outros), refere-se a aspectos como: a dificuldade de deslocamento (foi citada 3 vezes), o que faz com que o estudante perca muito tempo e sinta muito cansaço. As outras respostas reclamavam da falta de tempo.

Trinta e quatro respostas podem ser associadas a mais de um classificador: são pessoas que citam demandas como trabalho, família e outras que, somando com a universidade, acarretam dificuldades dar conta de todas as tarefas dentro do tempo necessário, como, por exemplo, este estudante: *“A*

falta do tempo, pois acordos às 05:30 h; malho das 06:00 h às 07:15h; trabalho das 08:00 h às 17:48 h; e estudo na UFPR das 19 h às 22:00 h. Além disso, moro no região metropolitana de Curitiba, isso exige tempo no trânsito, ma[!] tenho tempo de comer e dormir. Em relação aos compromissos familiares, gerlamente, são deixados de lado no final de semana para dar conta das atividades acadêmicas” (sic). Outros, além destas demandas, ainda citam a dificuldade com deslocamento ou o fato de morar longe da universidade; algumas respostas suscitam também questões psicológicas, que dificultam ainda mais os estudos, “A ansiedade causada pela angustia de não ter tempo suficiente para realizar tudo que gostaria, a dificuldade em me concentrar e os problemas pessoais que me consomem muito intelectualmente/fisicamente”; “Acredito que minha maior dificuldade seja o cansaço físico e mental, pois muitas vezes não absorvo o conteúdo necessário para ter uma graduação bem aproveitada. Facilmente, penso em problemas diários (trabalho/casa) e perco a construção da aula”.

A tabela abaixo apresenta uma comparação de dados dos estudantes dos grupos 2, onde prevalecem questões individuais, grupo 3, que associa a universidade com as dificuldades de tempo, e o grupo de pessoas que informam mais de um destes fatores para explicar as dificuldades de gestão de tempo:

TABELA 12: RESPOSTAS A PERGUNTA 38 DO QUESTIONÁRIO ORGANIZADAS POR SUGBRUPOS

Para você, qual é a maior dificuldade em articular o tempo de que dispõe entre as diversas atividades que realiza e a universidade?						
	Faixa etária x nº de estudantes	Estado Civil	A sua renda é fonte importante no seu lar?	Turno	Gênero	Cor/raça
Grupo 2 (fatores individuais)	Entre 19 e 22 anos: 15 Entre 25 e 28 anos: 3 Entre 37 e 38 anos: 2 42 anos: 1 55 anos: 1	União estável: 7 Solteiros: 17	Não: 11 Sim: 13	Matutino: 13 Noturno: 11	Feminino: 22 Masculino: 2	Negras(os): 02 Pardas(os): 04 Branca(os): 18
Grupo 3 (institucionais)	Entre 19 e 22 anos: 10 29 anos: 2 Entre 30 e 32 anos: 3 Entre 41 e 42 anos: 3 55 anos: 2	União estável: 5 Solteiros: 15	Não: 08 Sim: 12	Matutino: 11 Noturno: 09	Feminino: 18 Masculino: 2	Negras(os): 02 Pardas(os): 04 Branca(os): 14

Mais de um dos fatores (1, 2, 3 e 4)	Entre 19 e 23 anos: 11 Entre 24 e 27 anos: 11 Entre 28 e 30 anos: 5 Entre 32 e 36: 4 38 anos: 1 Entre 40 e 44 anos: 2	União estável: 14 Solteiros: 20	Não: 07 Sim: 27	Matutino: 08 Noturno: 26	Feminino: 34 Masculino: 0 Não-binário: 0	Negras(os): 01 Pardas(os): 10 Branca(os): 23
--------------------------------------	--	------------------------------------	--------------------	-----------------------------	--	--

FONTE: Formulação das autoras com base no questionário aplicado.

Ao organizar os dados desta forma é possível notar entre as/os estudantes do grupo 2 prevalecem as/os mais jovens, solteiras(os), que estudam no período matutino (embora o nº de estudantes do noturno seja pouco menor), a maioria são pessoas do gênero feminino, brancas. Levando em conta o que foi visto até aqui e o fato de que a renda individual não faz diferença na renda familiar de quase metade, é possível sugerir que estes alunos têm menos atividades e papéis aos quais precisam dedicar-se e, por isso, tem mais tempo. Assim, creditam as dificuldades em gerir o tempo à falta de organização, em sua maioria.

O grupo 3 é bem heterogêneo e não é possível a partir destes dados apresentar hipóteses para a relação que fazem entre a gestão de tempo e a universidade. Talvez, neste caso, entrevistas fossem um bom instrumento para compreender melhor o perfil destes alunos e pontos em comum.

O último grupo apresentado também é bem heterogêneo, porém, em comparação com o grupo 2, percebe-se que são mais velhos, o número de pessoas em união estável também é maior (e, portanto, a demanda de tempo também aumenta para estas pessoas), a renda individual é importante para a renda familiar para quase todos estes estudantes, a maioria estuda à noite, todas são do gênero feminino e, em comparação aos outros dois grupos da tabela, o número de mulheres negras e pardas também é maior, sendo um número significativo mesmo este grupo sendo maior que os outros. Neste sentido, este grupo parece abarcar um maior número de trabalhadores-estudantes com acúmulo de atividades.

Quando compara-se os IRAs destes 3 grupos, tem-se o seguinte resultado: o grupo 2 tem índices entre 0,46 a 0,91; o grupo 3, entre 0,83 e 0,93, e o grupo, que associa mais de um fatos a dificuldade com o tempo, entre 0,75 e 0,98.

Portanto, a depender do tipo de comparação, alguns grupos apresentam maiores dificuldades e, alguns grupos têm acesso mais restrito à formação que a universidade oferece, pois as outras demandas tem um peso maior e acabam exigindo muito tempo. Todavia, estas questões não aparecem quando apenas os IRAs dos estudantes são levados em conta.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção em desenvolver este estudo surgiu de observações feitas durante o curso e das próprias dificuldades das autoras em conciliar tantas atribuições. Ao mesmo tempo, percebe-se que a universidade não está acessível da mesma forma para todos. Algumas atividades acontecem em horários que não atendem a estudantes trabalhadores, por exemplo. Destas percepções, vieram questionamentos: as formas de uso do tempo são diferentes para estudantes do mesmo curso? Por quê?

Com estas questões em mente, formulou-se o projeto de pesquisa que, entre os objetivos principais, indicava a intenção de identificar por meio de questionário de que formas os estudantes do curso de pedagogia utilizam seu tempo; elaborar um conjunto de perfis socioeconômicos e culturais das alunas e alunos do curso de Pedagogia a partir do questionário; verificar se é possível relacionar o desempenho acadêmico dos estudantes com o tempo que dedicam à formação acadêmica e relacionar o indicador de desempenho acadêmico selecionado para a pesquisa (IRA) com o conjunto de perfis identificados por meio do questionário e desenvolver análise interpretativa dos resultados.

O ponto de partida, o questionário, era fundamental para que todo o estudo pudesse ser desenvolvido. Apesar de, após a aplicação, identificarem-se algumas questões que poderiam ter sido feitas de outras formas, ou de sentir a necessidade de colocar outras perguntas, ainda assim, o questionário cumpriu o papel esperado, de levantar dados para análise e, considerando o curto espaço de tempo disponível para a análise, pode-se dizer que esta etapa foi satisfatória. Na verdade, os dados levantados ainda possibilitam outras reflexões e recortes que não foram incluídos neste estudo porque não se adequavam aos objetivos principais, mas que também podem ser interessantes no sentido de identificar características, diferenças e semelhanças entre as estudantes e suscitar outras discussões. Em alguns pontos, a pesquisa quantitativa representou alguns limites. Todavia, estas percepções eram decorrentes, em grande parte, do interesse em aprofundar-se em pontos que pareciam importantes e interessantes.

O objetivo inicial foi atingido, uma vez que foi possível identificar tipos de atividades demandam mais uso de tempo na rotina das/dos estudantes, e de que forma as diferenças entre estes estudantes repercutem na dedicação de tempo à universidade. A atividade que exige mais tempo do grupo de estudantes que respondeu à pesquisa, sem dúvidas, é o trabalho remunerado. Além disso, a carga de trabalho não remunerado também é muito alta entre as/os estudantes, o que reflete as relações de gênero presentes na sociedade. Apesar do maior acesso das mulheres à educação e mercado de trabalho, quando se fala na divisão sexual do trabalho, as mulheres continuam sendo associadas às tarefas domésticas, o que leva a uma carga mais alta que os homens de trabalho, pois estes continuam exercendo cargas menores de trabalho não remunerado. Estas relações podem ser observadas entre os estudantes do curso, principalmente porque o curso é composto, em grande parte, por mulheres.

Quando indagado se este acúmulo de horas é igual para todas as mulheres estudantes de pedagogia, a análise dos dados dos estudantes que responderam o questionário sugere que desigualdades sociais são reproduzidas na universidade. Entre os grupos com maior demanda de atividades, destacou-se o grupo de mulheres trabalhadoras, solteiras e com filhos.

Em relação ao objetivo de elaborar um conjunto de perfis socioeconômicos e culturais das alunas e alunos do curso de pedagogia da UFPR a partir do questionário, também pode-se dizer que foi atingido. A partir dos marcadores propostos para a análise, comparações foram feitas e evidenciaram as diferenças entre os perfis. Infelizmente, o número de estudantes que responderam ao questionário foi baixo em comparação ao número total de alunos e, por isso, não foi possível aprofundar algumas questões da forma como se gostaria. Por exemplo, tem-se discutido sobre os grupos minoritários, que têm pouco espaço na universidade (negras(os), indígenas, entre outros grupos) e, por isso, era importante abordar as experiências de tempo destes estudantes na pesquisa. Porém, poucos responderam ao questionário, o que tornou mais difícil identificar características e estabelecer comparativos. De fato, o que fica marcado é que o número de estudantes que fazem parte destes grupos continua muito baixo na

universidade. Visto que a maioria da população brasileira é negra, o fato de o questionário ter sido respondido em grande parte por pessoas brancas é significativo.

Em relação aos objetivos de relacionar o desempenho acadêmico dos estudantes com o tempo que dedicam à formação acadêmica e o IRA com o conjunto de perfis identificados por meio do questionário e desenvolver análise interpretativa dos resultados, também foram objetivos alcançados. Os dados resultantes do questionário possibilitam estabelecer diversas reflexões, pois são muitas as possibilidades de cruzamento de dados.

Quanto aos resultados desta etapa, pode-se dizer que foi surpreendente. Ao perceber a grande demanda de tempo para trabalhos dos estudantes e o desempenho de outros papéis, uma hipótese era a de que os IRAs refletiriam estas dificuldades. Contudo, os IRAs do grupo analisado, de forma geral, podem ser associados a um bom rendimento acadêmico.

Porém, quando a ideia de desempenho acadêmico deixa de ser direcionada apenas às notas e leva em consideração as atividades extracurriculares ofertadas pela instituição, as dificuldades e diferenças aparecem. Não há um valor para medir a formação acadêmica a partir destes outros parâmetros (envolvimento do estudante com a universidade em todas as suas possibilidades) mas, foi possível perceber que alguns alunos têm melhor acesso à universidade que outros. Os dados da pesquisa permitiram que algumas conjecturas sobre estas diferentes formas de acesso à universidade fossem feitas. Os estudantes trabalhadores do noturno aparecem com desvantagens em algumas comparações que tratam do tempo e da dedicação à universidade, embora os IRAs sejam parecidos aos dos alunos do período matutino.

Algumas das questões do questionário eram abertas e as repostas dos estudantes a estas questões foram importantes para a interpretação de aspectos que os dados numéricos, apenas, não explicitaram o suficiente. O espaço para a subjetividade dos estudantes foi interessante porque, no que se refere ao uso do tempo, notou-se que não pode ser explicado apenas com referência em alguns fatores – não existe um fator único que explique o uso e aproveitamento do tempo – e, por isso, as repostas contribuíram para o desenvolvimento da análise. Se tivesse existido a possibilidade, uma segunda

etapa desta pesquisa poderia ter sido desenvolvida com base em entrevistas feitas com alunos cujos perfis destacaram-se por ir de encontro às expectativas e ao que indicavam os dados.

Finalmente, é válido dizer que o desenvolvimento deste trabalho foi uma oportunidade muito positiva de realizar um tipo de pesquisa e reflexão bem diferente do habitual. Como as autoras da presente pesquisa são alunas trabalhadoras do noturno, foi interessante perceber alguns aspectos da realidade da qual fazem parte sob um novo olhar. O estudo possibilitou uma melhor compreensão da realidade em questão e o levantamento de questionamentos importantes sobre as experiências discentes do curso de pedagogia da UFPR.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Clara. Apresentação. In: ARAUJO, Clara; FONTOURA, Natalia; BARAJAS, Maria de la Paz López (et al). (Org.). **Uso do tempo e gênero**. Rio de Janeiro: UERJ, 2016. p. 13-15. Disponível em <http://www.onumulheres.org.br/wpcontent/uploads/2016/04/uso_do_tempo_e_genero.pdf> Acesso em 20 de outubro de 2017.

ARTINELLI, Selma de Cássia. Um estudo sobre desempenho escolar e motivação de crianças. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 53, p. 201-216, Sept. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602014000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 7 de novembro de 2017

BAHIA, Norinês Panicacci. **Políticas de enfrentamento do fracasso escolas: inclusão ou reclusão dos excluídos?**. In: Reunião Anual da Anped, 27, 2004, Caxambu. Anais eletrônicos. Disponível em <http://www.anped.org.br/sites/default/files/t0515.pdf>> Acesso em 7 de novembro de 2017

BANDEIRA, Lurdes Maria; PRETURLAN, Renata Barreto. As pesquisas sobre o uso do tempo e a promoção da igualdade de gênero no Brasil. ARAUJO, Clara; FONTOURA, Natalia; BARAJAS, Maria de la Paz López (et al). (Org.). **Uso do tempo e gênero**. Rio de Janeiro: UERJ, 2016. p. 43-57. Disponível em http://www.onumulheres.org.br/wpcontent/uploads/2016/04/uso_do_tempo_e_g_enero.pdf Acesso em 20 de outubro de 2017.

BARAJAS, Maria de la Paz López. Avanços na América Latina na medição e valoração do trabalho não remunerado realizado pelas mulheres. ARAUJO, Clara; FONTOURA, Natalia; BARAJAS, Maria de la Paz López (et al). (Org.). **Uso do tempo e gênero**. Rio de Janeiro: UERJ, 2016. p. 21-39. Disponível em <http://www.onumulheres.org.br/wpcontent/uploads/2016/04/uso_do_tempo_e_genero.pdf> Acesso em 20 de outubro de 2017.

BASSO, Cláudia et al. Organização de tempo e métodos de estudo: Oficinas com estudantes universitários. **Rev. bras. orientac. prof**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 277-288, dez. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902013000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 10 nov. 2017.

CACCIAMALI, Maria Cristina; HIRATA, Guilherme Issamu. A influência da raça e do gênero nas oportunidades de obtenção de renda - uma análise da discriminação em mercados de trabalho distintos: Bahia e São Paulo. **Estud. Econ.**, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 767-795, Dec. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-41612005000400007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 de novembro de 2017.

CARDOSO, Luzia Rodrigues; BZUNECK, José Aloyseo. Motivação no ensino superior: metas de realização e estratégias de aprendizagem. **Psicol. esc. educ.**, Campinas , v. 8, n. 2, p. 145-155, dez. 2004 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572004000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 8 nov. 2017.

CARELLI, Maria José Guimarães; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. Condições temporais e pessoais de estudo em universitários. **Psicol. Esc. Educ.** (Impr.), Campinas , v. 2, n. 3, p. 265-278, 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85571998000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 8 de novembro de 2017.

CASTRO, Roney Polato de; SANTOS, Vinicius Rangel dos. Relações de gênero na Pedagogia: concepções de estudantes homens. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 7, n. 1, p. 53-76, jan./jun. 2016. Disponível em [file:///C:/Users/Renata/Downloads/720-2039-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Renata/Downloads/720-2039-1-PB%20(2).pdf). Acesso em 11 de outubro de 2017.

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 11, 2013, Curitiba. O curso de pedagogia da UFPR: um pouco de sua história mediante a presença de seus paraninfos nas cerimônias de colação de grau nas últimas três décadas. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013.

DANIEL, Leziany Silveira. **O curso de pedagogia da UFPR: um pouco de sua história mediante a presença de paraninfos nas cerimônias de colação de grau nas últimas três décadas**. In: Congresso Nacional de Educação (EDUCERE), 11, 2013, Curitiba. Anais eletrônicos. Artigos, p. 21848 – 21858. Disponível em <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/6886_4066.pdf> Acesso em 10 de outubro de 2017.

DUTRA, R. G; MENEZES, M. L. P. O lazer dos estudantes universitários: o caso das festas universitárias. **Rev. Presença Geográfica**, v. 1 n. 1, p. 63 – 72, 2017.

GATTI, Bernardete A.. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educ. Soc.**, Campinas , v. 31, n. 113, p. 1355-1379, Dec. 2010 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302010000400016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 6 de novembro de 2017

GRANJA, Veruska de Araujo Vasconcelos. **Tendências de sucesso no percurso acadêmico do alunado na UFRN**. 2012. 124f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cad. Pesqui.**, São Paulo , v. 37, n. 132, p. 595-609, Dec. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 Nov. 2017.

JÚNIOR, Marco Aurélio Borges Teixeira; SFERRA, Luis Francisco Bueno; BOTTCHER, Lara Belmudes. A Importância Do Lazer Para A Qualidade De Vida Do Trabalhador. **Revista Conexão** (Online), v. 9, nº ½, p.581-595, 2012.

KNOBLAUCH, A. . Estudo comparado sobre o perfil socioeconômico dos estudantes de Pedagogia da UNIFESP e da UFPR: desafios para o desenvolvimento profissional docente. In: Isabel Maria Sabino de Farias; Maria Socorro Lucena Lima; Maria Marina Dias Cavalcanti; José Albio Moreira de Sales. (Org.). **Didática e prática de ensino na relação com a formação de professores**. 1ed.Fortaleza: EdUECE, 2015, v. 2, p. 03035-03046. Disponível em <<http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro2/ESTUDO%20COMPARADO%20SOBRE%20O%20PERFIL%20SOCIOECON%20MICO%20DOS%20ESTUDANTES%20DE%20PEDAGOGIA%20DA%20UNIFESP.pdf>> Acesso em 5 de outubro de 2017

KNOBLAUCH, Adriane. Religião, formação docente e socialização de gênero. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 899-914, set. 2017. ISSN 1678-4634. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/136791>>. Acesso em: 8 out. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/s1517-9702201707163363>.

KNUPPE, Luciane. Motivação e desmotivação: desafio para as professoras do Ensino Fundamental. **Educ. rev.**, Curitiba , n. 27, p. 277-290, June 2006 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602006000100017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 de novembro de 2017

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 3.^a ed. São Paulo: Contexto, 2000, p. 443-481.

MELO, Hildete Pereira. **Gênero e perspectiva regional na educação superior brasileira**. Simpósio “Gênero e indicadores da educação superior brasileira, Brasília, p. 63-84, 2007.

NIQUINI, Roberta Pereira et al . Características do trabalho de estudantes universitários associadas ao seu desempenho acadêmico. **Educ. rev.**, Belo Horizonte , v. 31, n. 1, p. 359-381, Mar. 2015 .Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982015000100359&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 de novembro de 2017

NODARI, Manoela Pagotto Martins et al. Os Usos do Tempo Livre entre Jovens de Classes Populares. **Psic .: Teor. e Pesq.** , Brasília, v. 32, n. 4, e324215, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722016000400215&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 31 de outubro de 2017. Epub 22 de junho de 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e324215>.

NUNES, Maiana Farias Oliveira et al . Satisfação e autonomia nas atividades de lazer entre universitários. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo , v. 16, n. 1, p. 91-103, abr. 2014 . Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516368720140010100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 1 nov. 2017.

NUNES, Maiana Farias Oliveira et al . Subjective Well-Being and Time Use of Brazilian PhD Professors. **Paidéia** (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto , v. 24, n. 59, p. 379-387, Dec. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103863X2014000300379&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 de outubro de 2017

OLIVEIRA, C. de S. et al. Atividade física de universitários brasileiros: uma revisão da literatura. **Revista de Atenção à Saúde**, v. 12, n. 42, p. 71 – 7, fev. 2014.

OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de; CARLOTTO, Rodrigo Carvalho; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira and DIAS, Ana Cristina Garcia. Oficinas de Gestão do Tempo com Estudantes Universitários. **Psicol. cienc. prof.** [online]. 2016, vol.36, , n. 1, p. 224-233, Mar. 2016 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000100224&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 8 de novembro de 2017.

OLIVEIRA, M. B. de. A gente que comida, diversão e arte: o lazer dos estudantes universitários. **Rev. Brasileira de Economia Doméstica**, Viçosa, v. 24, n. 1, p. 178 – 206, 2013

OLIVEIRA, Melina Del'Arco de; MELO-SILVA, Lucy Leal. Estudantes universitários: a influência das variáveis socio-econômicas e culturais na carreira. **Psicol. Esc. Educ.** (Impr.), Campinas , v. 14, n. 1, p. 23-34, June 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572010000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 de novembro de 2017.

PAGLIOTO, Bárbara Freitas; MACHADO, Ana Flávia. Perfil dos frequentadores de atividades culturais: o caso nas metrópoles brasileiras. **Estud. Econ.**, São Paulo , v. 42, n. 4, p. 701-730, Dec. 2012 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-41612012000400003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 5 Out. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-41612012000400003>

PAIVA, Maria Olímpia Almeida de; LOURENCO, Abílio Afonso. Rendimento acadêmico: influência do autoconceito e do ambiente de sala de aula. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília , v. 27, n. 4, p. 393-402, Dec. 2011 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722011000400002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 7 de novembro de 2017

PINHEIRO, Luana Simões. Determinantes da alocação de tempo em trabalho reprodutivo: uma revisão sobre os achados em pesquisas nacionais e internacionais. ARAUJO, Clara; FONTOURA, Natalia; BARAJAS, Maria de la Paz López (et al). (Org.). **Uso do tempo e gênero**. Rio de Janeiro: UERJ, 2016. p. 61-92. Disponível em

<http://www.onumulheres.org.br/wpcontent/uploads/2016/04/uso_do_tempo_e_genero.pdf> Acesso em 20 de outubro de 2017.

RAPOSO, Denise Maria dos Santos Paulinelli; GUNTHER, Isolda de Araújo. O ingresso na universidade após os 45 anos: um evento não-normativo. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 13, n. 1, p. 123-131, Mar. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722008000100015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 de outubro de 2017.

RISTOFF, Dilvo. Perfil socioeconômico dos estudantes de graduação: uma análise de dois ciclos completos do ENADE (2004 a 2009). **Cadernos do GEA**, Rio de Janeiro, n. 4, jul./dez. 2013. Disponível em <http://flacso.redelivre.org.br/files/2015/03/Caderno_GEA_N4.pdf> Acesso em 01 de novembro de 2017.

ROCHA, Edmar José da; ROSEMBERG, Fúlvia. Autodeclaração de cor e/ou raça entre escolares paulistanos(as). **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 759-799, Dec. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000300012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 de outubro de 2017

ROSEMBERG, Fulvia. UNBEHAUM, Sandra; ARTES, Amelia. **Desigualdades de cor/raça e sexo entre pessoas que frequentam e titulados na pós-graduação brasileira: 2000 e 2010**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2015. Disponível em <http://www.fcc.org.br/fcc/images/pesquisa/pdf/pesquisa-desigualdades-de-cor-e-sexo.pdf>. Acesso em 27 de outubro de 2017

SANTOS, GG., and SILVA, LC. A evasão na educação superior: entre debate social e objeto de pesquisa. In: SAMPAIO, SMR., org. **Observatório da vida estudantil: primeiros estudos** [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 249-262. Disponível em <http://books.scielo.org/id/n656x/pdf/sampaio-9788523212117-14.pdf1>. Acesso em 7 de novembro de 2017

SILVA, C. L. et al. Atividade física de lazer e saúde: uma revisão sistemática. Mudanças - **Psicologia da Saúde**. São Paulo, v. 25, p. 57 – 65, jun. 2017.

SOTERO. Edilza Correia. Transformações no acesso ao ensino superior brasileiro: algumas implicações para os diferentes grupos de cor e sexo. **Dossiê mulheres negras : retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. (org.). MARCONDES, Mariana Mazzini Marcondes [et al.].- Brasília : Ipea, 2013. p. 35-50. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_dossie_mulheres_negras.pdf> Acesso em 20 de outubro de 2017.

MARCONDES, Mariana Mazzini (et al). (org). **Dossiê mulheres negras : retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília : Ipea, 2013. p. 35-52. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_dossie_mulheres_negras.pdf> Acesso em 25 de outubro de 2017

TOMBOLATO, M. C. R. **Qualidade de vida e sintomas psicopatológicos do estudante universitário trabalhador**. (2004). 97 f. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_arquivos/6/TDE-2010-10-14T084335Z-1639/Publico/Maria%20Claudia%20Roberta%20Tombolato.pdf. Acesso em 01 de novembro de 2017

VARGAS, Hustana Maria; PAULA, Maria de Fátima Costa de. A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na educação superior: desafio público a ser enfrentado. **Avaliação** (Campinas), Sorocaba , v. 18, n. 2, p. 459-485, July 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141440772013000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 de outubro de 2017

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro , v. 11, n. 32, p. 226-237, Aug. 2006 Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782006000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 de novembro de 2017

ANEXO

1- Data de nascimento *

Mês, dia, ano



2- Gênero / sexo *

- Feminino
- Masculino
- Não Binário

3- Estado Civil *

- Solteiro(a)
- Casado(a)
- Separado(a)
- Viúvo(a)
- Outros...

4- Assinale a alternativa que identifica a sua cor\raça? *

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena
- Outros...

5- Você realiza alguma atividade remunerada (estágio, trabalho, etc)

- Sim
- Não

6- Se a resposta da pergunta anterior foi SIM, quantas horas por semana? *

- Menos de 20 horas/semanais
- De 20 a 30 horas/semanais
- De 31 a 40 horas/semanais
- Mais de 40 horas/semanais

7- Você trabalha na área da educação?

- Sim
- Não

8- Qual a sua renda mensal, aproximadamente? *

- Nenhuma renda
- Até 1 um salário mínimo (até R\$ 937,00)
- De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 937,00 até R\$ 2.811,00)
- De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.811,00 até R\$ 5.622,00)
- De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 5.622,00 até R\$ 8.433,00)
- Mais de 9 salários mínimos (mais de R\$ 8.433,00)

9- Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? *

- Nenhuma renda
- Até 1 um salário mínimo (até R\$ 937,00)
- De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 937,00 até R\$ 2.811,00)
- De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.811,00 até R\$ 5.622,00)
- De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 5.622,00 até R\$ 8.433,00)
- Mais de 9 salários mínimos (mais de R\$ 8.433,00)

10- A sua renda é fonte importante no seu lar? *

- Sim
- Não

11- Tem filhos? *

- Sim
- Não

12- Se a resposta da pergunta anterior foi SIM, qual a idade do(s) filho(s)?

Texto de resposta curta

13- Mora com quem? *

- Sozinho(a)
- Pais
- Cônjuge
- Filho(s)
- Amigo(s)
- Irmãos / irmãs
- Outros...

14- Quantas pessoas moram com você? *

- Nenhuma
- 1 a 2
- 3 a 4
- 5 a 6
- mais que 6
- Outros...

15- Quantas pessoas trabalham na sua casa? *

- Nenhuma
- 1 a 2
- 3 a 4
- 5 a 6
- mais que 6

Histórico Educacional

Descrição (opcional)

16- Você já iniciou alguma outra graduação? *

Sim

Não

17- Se a resposta da pergunta anterior for SIM, qual curso? Concluiu?

Texto de resposta curta

18- Está em qual período do curso de Pedagogia? *

1º a 2º período

3º a 4º período

5º a 6º período

7º a 8º período

9º a 10º período

Outros...

19- Existe alguma disciplina que está pendente/reprovou na universidade? *

Sim

Não

20- Em qual turno realiza o curso? *

Manhã

Noite

Outros...

21- Você sabe qual é o seu rendimento escolar (IRA) *
(<https://portaldoaluno.ufpr.br/aluno/login.action?error=>)?

Texto de resposta curta
.....

22- Você já teve que abandonar/desistir de alguma disciplina por falta de tempo na sua rotina? *

- Sim
- Não

23- Você acredita que irá concluir o curso no tempo esperado? *

- Sim
- Não
- Talvez

24- Realiza alguma disciplina do curso no contra turno? *

- Sim
- Não

25- Você faz estágio obrigatório? *

- Sim
- Não

26- Se a resposta da pergunta anterior foi SIM, quantas horas por semana?

- 4 horas/semanais
- 8 horas/semanais
- Mais de 8 horas/semanais

27- Quantas horas por dia ou semana você dedica para realizar atividades (trabalhos, leituras de textos) fora do espaço da universidade? *

Texto de resposta curta

28- Você realiza atividades na universidade como projetos de extensão, PBID, PIBIC e etc.?

Sim

Não

29- Você consegue realizar todas as atividades solicitadas pelo curso no tempo esperado? *

Sim

Não

Uso do Tempo

Descrição (opcional)

30- Você já deixou de fazer alguma atividade importante da universidade em decorrência de outras atividades de seu dia-a-dia? *

Sim

Não

31- Quanto tempo você dedica por dia ou por semana para atividade do seu lar (lavar louça, limpar a casa, cuidar dos filhos, etc.)? *

Texto de resposta curta

32- Quanto tempo você dedica por dia ou por semana para atividade sociais(festas,cinema, teatro e etc.)? *

Texto de resposta curta

33- Você faz outros cursos fora da universidade? *

Sim

Não

34- Se a resposta da pergunta anterior foi SIM, qual(s) curso(s)? quantas horas por semana?

Texto de resposta curta
.....

35- Suas tarefas profissionais ou pessoais, das últimas semanas, estão todas em dia? *

Sim

Não

36- Você pratica alguma atividade física? *

Sim

Não

37- Se a resposta da pergunta anterior foi SIM, quantas horas por semana?

Texto de resposta curta
.....

38- Para você, qual é a maior dificuldade em articular o tempo de que dispõe entre as diversas atividades que realiza e a universidade? *

Texto de resposta curta
.....

39- Se você tivesse mais tempo para realizar outras atividades na universidade, quais gostaria de fazer? *

Texto de resposta curta
.....

40- Você pratica alguma atividade religiosa? *

Sim

Não

41- Quais outras atividades gosta de praticar/realizar no seu tempo livre? *

Texto de resposta longa
.....

42- Você acredita que o tempo que você dedica para a universidade é o suficiente para realizar todas as atividades solicitadas? Por quê?

Texto de resposta curta
.....

Se tiver interesse em ler o trabalho produzido, deixe seu e-mail abaixo e enviaremos uma cópia. *

Texto de resposta longa
.....